# The SECRET DESTINY of AMERICA

# O DESTINO SECRETO DA AMÉRICA

POR MANLY PALMER HALL

PRIMEIRA EDIÇÃO

SOCIEDADE DE PESQUISA FILOSÓFICA

3341 GRIFFITH PARK BOULEVARD - Los ANGELES 27, CALIF.

## 1 . A ORIGEM DO IDEAL DEMOCRÁTICO

A democracia mundial era o sonho secreto dos grandes filósofos clássicos. ...
Milhares de anos antes de Colombo, eles estavam cientes da existência de nosso hemisfério ocidental e o escolheram para ser o local do império filosófico.
O plano brilhante dos antigos sobreviveu até nossos dias e continuará a funcionar até que a grande obra seja realizada. ...
A nação americana precisa desesperadamente de uma visão de seu próprio propósito.

Por meio de símbolos preservados, podemos saber que foi do passado remoto, das sombras profundas do mundo medieval, bem como das primeiras lutas dos tempos mais modernos, que veio o poder da democracia americana

A AMÉRICA não pode recusar o desafio da liderança no mundo pós-guerra. A mera reconstrução física dos países devastados e a reorganização dos sistemas políticos, econômicos e sociais são as tarefas menores que enfrentaremos. O problema maior e o grande desafio está em como estabelecer uma nova ordem de ética mundial firmemente estabelecida em um alicerce de idealismo democrático.

Especialistas em vários campos já apresentaram programas elaborados para atender às necessidades das nações cujo modo de vida foi prejudicado pela guerra. Mas, com a falha comum às mentes especialmente treinadas, esses planejadores tendem a pensar principalmente em termos de seus próprios interesses particulares. Até o momento, ninguém tocou nos fundamentos da ética internacional. Ninguém apresentou um plano de trabalho baseado de forma segura em uma compreensão ampla, profunda e solidária do *ser humano* e de seus problemas. O pensamento tem sido baseado na dupla política de poder e na economia material, com soluções expressas em termos de gráficos, plantas, padrões e programas industriais.

No entanto, há um elemento novo e encorajador presente na maioria das recomendações dos especialistas de hoje. Eles estão reconhecendo a necessidade de conceber o mundo como uma estrutura interdependente. No entanto, mesmo reconhecendo a necessidade de uma unidade de interesses humanos, suas recomendações são para a perpetuação de políticas econômicas altamente competitivas que, se forem aplicadas de forma consistente, levarão, no final, à guerra e à discórdia.

Não é uma tarefa fácil unir os esforços da raça humana para a realização de um bem comum. A humanidade, em sua maioria, é egoísta, provinciana em sua atitude e preocupada principalmente com o sucesso pessoal e a aquisição de conforto. Não será possível construir uma paz duradoura até que o homem comum se convença de que o egoísmo pessoal é prejudicial à felicidade e ao sucesso pessoal. Deve ser

demonstrou que o egoísmo saiu de moda e que o mundo está mudando para uma concepção de vida mais ampla.

Os planejadores do pós-guerra têm mais idealismo em seus programas do que jamais foi expresso no problema das relações entre as nações. Mas isso ainda não é suficiente. É necessária uma declaração clara e completa de um propósito mundial - um sonho mundial grande o suficiente para inspirar a unidade do esforço mundial.

Estes são os dias da oportunidade dos Estados Unidos de liderar uma humanidade ainda conturbada em direção a um modo de vida melhor. Se enfrentarmos esse desafio, garantiremos não apenas a sobrevivência de nossa nação nos séculos vindouros, mas conquistaremos a gratidão duradoura de nossos compatriotas e os americanos serão lembrados até o fim dos tempos como um grande povo iluminado.

Não basta resolvermos problemas específicos. Precisamos resolver a causa do problema em si.
Guerras, depressões, crimes, ditadores e suas opressões são os sintomas que dão clara indicação de uma doença maior. Examinar cada problema apenas em termos do problema em si, sem reconhecer sua verdadeira relação com uma necessidade maior e mais universal, é falhar nas implicações mais amplas de uma paz e prosperidade duradouras.

A experiência deveria ter nos ensinado há muito tempo que as políticas que se originaram de considerações e atitudes materiais se mostraram inadequadas. Toda a história da civilização e os registros da história nos dizem que todos esses ajustes não trazem esperança de paz ou segurança duradouras. Porém, aqui estamos novamente nos preparando para nos contentarmos com soluções temporárias para problemas permanentes.

Há muito tempo, é preciso reconhecer que simplificamos demais o problema da paz mundial quando pensamos que o processo consiste em dividir a tarefa para examinar suas partes materialistas e, então, com sorte, elaborar um remédio aplicável para cada uma delas. As condições físicas da existência humana não são a totalidade do problema humano. Poderíamos ajustar todas as considerações materiais até o ponto de maior equidade e, ainda assim, não conseguiríamos praticamente nenhuma solução.

O maior dos problemas conhecidos é o problema humano. E somente quando for feita uma análise abrangente de todas as fases das necessidades humanas é que poderá haver uma política de reconstrução adequada para um mundo pós-guerra. O fato de o homem ser físico é óbvio, mas ele também é mental e emocional, é espiritual e tem uma alma. Esses últimos fatores não são tão óbvios.

O que fazer com relação a eles não é tão fácil, pois são difíceis de entender e ainda mais difíceis de classificar e reduzir a um padrão de trabalho. Nós, como construtores de uma civilização, teremos de aprender que somente quando for dada igual consideração a cada um desses elementos da natureza do homem é que chegaremos às soluções para os desastres nos quais os homens e as nações se precipitam.

Nossos reconstrutores do pós-guerra - nossos, se não por nossa escolha, pelo menos com nosso consentimento - não são excepcionalmente qualificados para essa tarefa mais ampla. Poucos são, de fato, os estadistas e políticos que têm alguma concepção do homem como um ser espiritual. E quanto aos líderes militares, eles são principalmente disciplinadores, inestimáveis como tais em tempos de guerra, mas não são de forma alguma emocionalmente voltados para problemas de caráter individualista em tempos de paz. E os planejadores mundiais recrutados entre nossos líderes industriais, deve-se admitir, geralmente não estão informados sobre o funcionamento da psique humana. Aqueles que fizeram do estudo da conduta humana o trabalho de suas vidas, os sociólogos, têm pouco conhecimento científico sobre as fontes ocultas que animam essa mesma conduta em sua incrível diversidade de manifestações. E se uma palavra deve ser dita para trazer o clero, pode ser que o planejador teólogo que será realmente útil seja aquele que adquire pelo menos algum conhecimento da ciência da biologia.

Estamos demonstrando uma lamentável falta de visão na maneira como nos atrapalhamos com as leis eternas da vida. Não é suficiente que agora esperemos criar uma configuração que permita que os homens prestem fidelidade com suas mentes ou sirvam fielmente com seus corpos. Devemos algum dia encarar a verdade de que o homem é inevitável e incuravelmente um idealista, pois essa é a verdade que nos libertará. A necessidade do homem é que o conteúdo idealista de sua natureza seja adequadamente nutrido; então, toda a sua consciência o impelirá à ação correta - e então nossas leis não mais falharão, os tratados não serão cumpridos e os direitos do homem não serão violados.

A nação americana precisa desesperadamente de uma visão de seu próprio propósito. Ela deve concebê-lo em um idealismo generoso, grande e forte o suficiente para vincular pessoas impensadas e egoístas a algo maior do que elas mesmas. Ela deve reconhecer que é no ideal intangível que são lançados os alicerces para todo o bem visível, deve saber que o curso verdadeiramente prático e o curso do realismo duro para os Estados Unidos é aquele que é estabelecido basicamente em um idealismo generoso.

Esse é mais do que um curso indicado. É um curso que inevitavelmente devemos seguir, guiados pela mão do destino.

Acreditando nisso, dedico este livro à proposição de que a democracia americana é parte de um plano universal.

Nosso mundo é regido por leis inflexíveis que controlam não apenas os movimentos dos corpos celestes, mas também as consequências da conduta humana. Esses movimentos universais, interpretados politicamente, estão impelindo a sociedade humana a sair de um estado de autocracia e tirania para a democracia e a liberdade. Esse movimento é inevitável, pois o crescimento dos seres humanos é um desenvolvimento gradual da mente sobre a matéria, e o movimento em si representa o desenvolvimento natural e razoável dos potenciais dentro do caráter humano.

Aqueles que tentam resistir a esse movimento destroem a si mesmos. Cooperar com esse movimento e ajudar a Natureza de todas as maneiras possíveis para a realização de seu propósito inevitável é sobreviver.

Milhares de anos antes do início da era cristã, muitos pensadores iluminados descobriram a vontade de Deus expressa por meio da natureza nos assuntos dos homens. Eles divulgaram suas descobertas em termos de religiões, filosofias, ciências, artes e sistemas políticos. Essas primeiras declarações são hoje os monumentos admirados do aprendizado antigo. Disponíveis para os homens de hoje, elas são geralmente ignoradas.

Anos de pesquisa entre os registros de povos antigos, disponíveis em bibliotecas, museus e santuários de culturas antigas, convenceram-me de que existe no mundo atual, e tem existido há milhares de anos, um corpo de humanos iluminados unidos no que pode ser chamado de Ordem da Busca. Ela é composta por aqueles cujas percepções intelectuais e espirituais lhes revelaram que a civilização tem um Destino Secreto - secreto, eu digo, porque esse elevado propósito não é percebido por muitos; as grandes massas de pessoas ainda vivem sem qualquer conhecimento de que fazem parte de um Movimento Universal no tempo e no espaço.

Pitágoras, Platão, Aristóteles, Buda, Jesus e Maomé estão entre os maiores nomes registrados na história, mas não é comum considerar os homens que carregam esses nomes como estadistas ou sociólogos. Eles são vistos como filósofos, sábios, videntes e místicos, cujas doutrinas não se aplicam às necessidades políticas de uma civilização industrial. No entanto, são homens como Platão e Buda que ainda exercem a força mais poderosa nos assuntos mortais para a perpetuação e preservação de um estado civilizado entre todas as nações.

Todos os grandes líderes dos tempos antigos perceberam e ensinaram que o estabelecimento de um estado de paz permanente entre as nações dependia da liberação dos ideais humanos, mas por meio de mentes devidamente treinadas e disciplinadas, capazes de interpretar esses ideais em termos do bem comum.

A democracia mundial era o sonho secreto dos grandes filósofos clássicos. Para a realização desse que é o maior de todos os fins humanos, eles delinearam programas de educação, religião e conduta social voltados para a realização final de uma fraternidade prática e universal. E para realizar seus propósitos de forma mais eficaz, esses antigos estudiosos se uniram com certos laços místicos em uma ampla confraria. No Egito, na Grécia, na Índia e na China, surgiram os Mistérios do Estado. Ordens de sacerdotes-filósofos iniciados foram formadas como um corpo soberano para instruir, aconselhar e dirigir os governantes dos Estados.

Milhares de anos atrás, no Egito, essas ordens místicas estavam cientes da existência do hemisfério ocidental e do grande continente que chamamos de América. Foi tomada a ousada decisão de que esse continente ocidental deveria se tornar o local do império filosófico. É impossível dizer agora quando isso foi feito, mas certamente a decisão foi tomada antes da época de Platão, pois uma declaração pouco velada dessa resolução é a substância de seu tratado sobre as Ilhas Atlânticas.

Um dos mais antigos ideais construtivos do homem é o sonho de uma democracia universal e a cooperação de todas as nações em uma comunidade de Estados. O mecanismo para a realização desse ideal foi colocado em movimento nos antigos templos da Grécia, do Egito e da Índia. O plano era tão brilhante e foi tão bem administrado que sobreviveu até nossos dias e continuará funcionando até que a grande obra seja realizada.

A filosofia estabeleceu sua casa no mundo para libertar os homens, libertando-os de seus próprios desejos e ambições desordenados. Ela via o egoísmo como o maior crime contra o bem comum, pois o egoísmo é natural a todos os que não são instruídos. Reconheceu que a mente precisa ser treinada nas leis do pensamento antes que os homens possam ser capazes de se autogovernar. E sabia que a comunidade democrática só pode ser uma realidade quando nosso mundo for um mundo de homens autogovernados.

Assim, foi do passado remoto, das sombras profundas do mundo medieval, bem como das primeiras lutas dos tempos mais modernos, que veio o poder da democracia americana. Mas estamos apenas no limiar do estado democrático. Não apenas devemos preservar o que conquistamos em séculos de luta, mas também devemos aperfeiçoar o plano dos tempos, estabelecendo aqui o mecanismo para uma irmandade mundial de nações e raças.

Esse é nosso dever e nossa gloriosa oportunidade.

Parece-me que o plano básico para o mundo pós-guerra deve estar solidamente fundamentado nesse grande sonho da Fraternidade Universal. Não é suficiente trabalhar no problema apenas em termos de política e indústria. A fórmula deve expressar um idealismo amplo, que apele para as melhores intuições do homem e que seja universalmente compreensível por todos os que viveram, sonharam e sofreram nesta esfera mortal.

## 2. O PRIMEIRO DEMOCRATA DO MUNDO

O líder que teve a primeira consciência social na administração de uma nação foi o faraó do Egito, Akhnaton.......................Nasceu vários milhares de anos antes do tempo,
ele foi o primeiro realista em democracia, o primeiro humanitário, o primeiro internacionalista. ...
Ele viu que o dever do governante é proteger para todos o direito de viver bem, pensar, sonhar, ter esperança e aspirar. ...
Por seu sonho da Fraternidade dos Homens, ele alegremente deu sua vida.

Akhenaton, faraó do Egito. Nascido em 1388 a.C., foi o primeiro homem na história registrada a exemplificar a consciência social na administração de uma grande nação. Ele via todos os seres vivos como tendo o direito divino de viver bem, de ter esperança e de aspirar a um mundo governado pelo amor fraternal.

O homem saiu do estado de selvageria e se tornou uma criatura civilizada com o desenvolvimento da consciência social. A civilização é um estado coletivo. Em nosso tipo de vida coletiva, o isolacionista é um prejuízo para si mesmo e uma ameaça para todos os outros.

Há uma grande diferença entre isolacionismo e intelectualismo. O desenvolvimento da mente libera o indivíduo da psicologia da turba, mas não o coloca à parte das responsabilidades comuns de sua espécie. Um verdadeiro pensador se torna uma força para o bem dentro da vida em grupo. Se seus poderes intelectuais o afastarem dos problemas práticos e dos valores de seu mundo, ele não poderá mais fazer sua contribuição para a unidade social.

As reformas políticas não são realizadas pelo povo, mas por meio do povo. Por trás de todo o progresso coletivo está a liderança do indivíduo esclarecido. Sua superioridade não o isenta da responsabilidade comum; ele tem a obrigação de assumir o fardo maior de direcionar sua visão para o bem-estar de todo o seu povo.

Vejamos como isso funciona. Vamos voltar aos tempos antigos.

Akhnaton, faraó do Egito, que ocupava o trono sob o título de Amen-Hotep IV, é frequentemente mencionado como o primeiro ser humano civilizado. Embora isso possa não ser literalmente verdade, ele foi definitivamente o primeiro homem na história registrada a exemplificar a consciência social na administração de uma grande nação.

Akhnaton, o filho amado de Aton, nasceu em Tebas por volta de 1388 a.C. Como a maioria dos príncipes de sua casa, ele era extremamente delicado quando criança, e temia-se que não vivesse para chegar ao trono; como o último de sua linhagem, a dinastia terminaria com ele se morresse sem descendentes. Por esse motivo, casou-se em seu décimo segundo ano de vida com uma menina egípcia de dez anos de idade, de origem nobre, chamada Nefertiti.

Durante a infância do jovem rei, a rainha-mãe, Tiy, governou como regente do duplo império.
Acredita-se que ela era de origem síria, o que explicaria as muitas ideias estranhas e não egípcias sobre religião, governo e arte que foram desenvolvidas durante o reinado de Akhnaton. A rainha Tiy, brilhante e

capaz, reconheceu, antes que seu filho atingisse a maioridade, que nele havia qualidades mais divinas do que humanas. O filho tornou-se o verdadeiro governante de seu país em seu décimo oitavo ano; seu reinado se estendeu por dezessete anos.

Akhnaton havia governado o Egito por apenas dois anos quando opôs sua vontade ao sacerdócio de Amon-Ra. Ao atacar a mais antiga e mais firmemente estabelecida de todas as instituições egípcias, o jovem faraó criou legiões de inimigos e fez cair sobre si a ira da religião do Estado. Ele dificilmente poderia ter escolhido uma maneira mais segura de complicar os problemas de sua vida.

Em meio a esse conflito, ele proclamou uma nova dispensação espiritual e, para escapar de seus inimigos, construiu uma nova capital, a cento e sessenta milhas acima do Nilo, no Cairo. Sua nova fé era o atonismo e ele chamou sua cidade de Khut-en-Aton - o Horizonte de Aton - e dedicou a cidade com estas palavras: "Vós contemplais a Cidade do Horizonte de Aton, que Aton desejou que eu fizesse para Ele como um monumento, no grande nome de Minha Majestade para sempre. Pois foi Aton, meu Pai, que me trouxe a esta Cidade do Horizonte".

Como sumo sacerdote de sua nova religião, Amen-Hotep TV mudou seu nome para Akhnaton, porque o nome mais antigo incluía a palavra Amen, cuja fé ele havia rejeitado.

Charles F. Potter, em seu *History of Religion,* diz que Akhnaton foi "o primeiro pacifista, o primeiro realista, o primeiro monoteísta, o primeiro democrata, o primeiro herege, o primeiro humanitário, o primeiro internacionalista e a primeira pessoa conhecida a tentar fundar uma religião. Ele foi bombardeado fora do tempo devido, vários milhares de anos antes do tempo".

Do vigésimo sexto ao trigésimo primeiro ano, Akhnaton dedicou sua vida ao aperfeiçoamento de sua doutrina mística na cidade que havia construído para o Deus Sempre Vivo. Ali, ele ensinou o mistério do Pai Divino e escreveu os poemas simples e belos que perduraram e sobreviveram ao tempo. Para Akhnaton, Deus não era um poderoso guerreiro governando o Egito, falando por meio dos oráculos de seus sacerdotes; não era um Ser Supremo voando pelo ar em um carro de guerra liderando exércitos de destruição. Aton era o pai gentil que amava todos os seus filhos, de todas as raças e nações, e desejava que eles vivessem juntos em paz e camaradagem.

Além disso, Deus, o Aton, havia criado todas as criaturas menores, fossem pássaros que faziam seus ninhos nos juncos de papiro ao longo das margens do Nilo ou libélulas com asas coloridas que pairavam sobre piscinas tranquilas e flores de lótus. O Aton era o pai de todos os animais, peixes, flores e insetos. Ele os criou com sua sabedoria e os preservou com seu amor e ternura.

Akhnaton, sentado no jardim de seu palácio, passava muitas horas observando o voo dos pássaros e ouvindo as vozes das pequenas criaturas. Ele nos conta que encontrou o Aton em todas elas; e que seu coração se voltou para elas e agradeceu pela bondade de tudo o que vivia.

Esse era um faraó que viajava sozinho pelo campo, encontrando os camponeses, conversando com os escravos e compartilhando a comida simples dos pobres. Ao homem mais ignorante, ele ouvia com profundo respeito, pois em cada um de seus súditos ele buscava e encontrava a vida de Aton. Ele via o Deus Universal brilhando nos olhos das criancinhas, contemplava a beleza do Aton nos corpos dos homens que trabalhavam nos campos. Ele não conseguia entender por que os outros não viam Deus em tudo, como ele via.

Como a maioria dos grandes líderes religiosos, Akhnaton aceitou o problema social da vida como parte da religião. Ele não podia aceitar as desigualdades de nascimento, riqueza ou condição física como justificativa para que os homens perseguissem uns aos outros ou explorassem uns aos outros. Para ele, todo ser vivo tem um direito divino - o direito de viver bem, de pensar, de sonhar, de esperar e de aspirar. Ele via como dever do governante proteger essa beleza no coração de seu povo, nutri-la e dar todas as oportunidades possíveis para sua expressão e perfeição.

A intolerância religiosa era impossível entre aqueles que adoravam Atan, e não havia espaço para a intolerância política em um mundo governado pelas leis do amor fraternal. Cada homem se tornava o protetor e consolador de todos os outros homens, acalentando os sonhos dos outros da mesma forma que os seus próprios.

Em sua vida pessoal, Akhnaton surge como o primeiro homem na história a trazer dignidade e beleza gentil para a administração de seu lar. Ele era pai de sete filhas, às quais era totalmente dedicado, e em seus discursos e pronunciamentos públicos sempre se referia à rainha Nefertiti como "minha amada esposa".

Era comum que os faraós se retratassem em grandes esculturas de pedra nas paredes de seus palácios. Eles eram representados como figuras majestosas, coroados e com cetro; eram mostrados sentados em seus tronos ou empunhando suas armas contra seus inimigos. Akhnaton foi o único faraó na história do Egito que escolheu ser retratado com o braço sobre sua esposa, com suas filhas pequenas brincando e sentadas em seu colo.

Com o passar dos anos, a saúde do faraó piorou, a oposição do sacerdócio de Amon-Ra aumentou e seu reinado foi complicado pelas invasões das nações hititas. Os governadores de várias províncias pediram ajuda a ele, mas Akhnaton não quis enviar exércitos.

O rei sonhador viu suas terras serem saqueadas e suas cidades conquistadas, mas não quis matar seus inimigos; eles também eram filhos de Aton.

Akhnaton morreu em seu trigésimo sexto ano, no altar de Aton, no templo da fé que ele havia criado. Quando sua múmia foi encontrada, a seguinte oração a Aton foi descoberta inscrita em uma folha de ouro sob seus pés. "Eu respiro o doce sopro que sai de Tua boca. Contemplo Tua beleza todos os dias Dê-me Tuas mãos, segurando Teu espírito, para que eu possa recebê-lo e ser elevado por ele. Invoca o Teu
meu nome até a eternidade, e ele nunca falhará."

Nas palavras do grande egiptólogo, Professor Breasted. "Morreu com ele um espírito como o mundo nunca havia visto antes".

Akhnaton foi o primeiro homem na história que ousou sonhar com a Fraternidade dos Homens e alegremente deu sua vida e seu império por esse sonho.

Ele é, de fato, "o belo filho do Aton Vivo, cujo nome viverá para todo o sempre".

## 3 VIAGEM PELO OCEANO RUMO AO OESTE ATÉ O PARAÍSO TERRESTRE

A partir da descrição das viagens feita por Plutarco, pode-se calcular que nosso grande
continente no hemisfério ocidental foi visitado pelos gregos antigos;
Eles não apenas chegaram às nossas costas, mas exploraram parte da área dos Grandes Lagos....
Sob um fino véu de simbolismo, eles perpetuaram na mitologia seu conhecimento
de nossa terra, que eles chamavam de abençoada A área foi antigamente separada para as gerações futuras
no grande experimento humano da comunidade democrática.

Os gregos antigos tinham um conhecimento muito melhor de geografia do que a opinião popular atual indica. Fomos enganados quanto à medida completa do aprendizado clássico, porque os gregos não dedicaram a maior parte de seu conhecimento à escrita e limitaram a erudição com o voto de sigilo.

Na antiguidade, todo o aprendizado era considerado sagrado; a sabedoria era confiada à guarda dos sacerdotes filósofos, e eles tinham permissão para comunicar os ramos mais seletos das ciências somente a alunos devidamente iniciados. Conceder conhecimento àqueles que não haviam preparado suas mentes por anos de disciplina e autopurificação profanava os mistérios e profanava as ciências sagradas.

Há alguns anos, ao discutir esse ponto delicado da ética com o falecido professor James Breasted, o mais ilustre dos egiptólogos americanos, ele confirmou minhas próprias descobertas e afirmou ainda ser sua convicção pessoal que as civilizações clássicas escondiam a maior parte de seu conhecimento sob lendas, mitos e alegorias, e que isso tem sido erroneamente aceito há muito tempo como as crenças literais desses povos.

Não há dúvida de que a existência de um grande continente no hemisfério ocidental era conhecida pelos gregos antigos. E também dos egípcios e dos chineses. É nada menos que uma tolice supor que os antigos não tinham navios suficientemente capazes de navegar pelos oceanos maiores. Muito antes da era cristã, a civilização mais antiga havia construído barcos muito maiores e mais resistentes ao mar do que qualquer embarcação usada por Colombo. Um dos Ptolomeus do Egito construiu um navio grande o suficiente para ter um pomar de árvores frutíferas no convés, além de piscinas e fontes abastecidas com peixes vivos.

Cálculos baseados na descrição de Plutarco de viagens antigas parecem indicar que os gregos não apenas alcançaram a costa da América, mas exploraram o rio São Lourenço e parte da área dos Grandes Lagos. Platão, em seu tratado sobre a destruição de Atlântida, escreveu que, devido às comoções no oceano causadas pela submersão de um vasto continente, toda a navegação para o oeste cessou por um longo período de tempo. Essa declaração só pode implicar que essa navegação tenha ocorrido em tempos remotos.

A mitologia grega perpetua o conhecimento de uma terra abençoada além dos limites ocidentais do oceano. Nessa terra abençoada viviam as Hespérides, as belas filhas da Noite, e aqui também, no final de cada dia, o sol descansava. Na mitologia popular, as Ilhas Hespéricas eram uma espécie de paraíso terrestre.

Assim, sob um fino véu de simbolismo místico, ocultava-se o relato de um continente ocidental de grande tamanho, fértil, rico e abundante em todas as coisas boas.

Os antigos acreditavam que a Terra era cercada pela esfera das constelações e atribuíam a cada país os grupos de estrelas que estavam acima da área de terra específica daquele país. No arranjo preservado nos escritos de Aratus de Soli, a constelação da águia abre suas asas sobre o continente norte-americano; a serpente serpenteia sobre o México e a América Central; e o dragão flutua no céu sobre o Japão e a China. Talvez Sir Edward Landseer não estivesse muito errado quando declarou que os símbolos das nações e os emblemas peculiares de sua heráldica se originaram em suas constelações dominantes. Quase todo mundo sabe que a constelação da Ursa Maior está no céu da Rússia e, desde tempos imemoriais, o urso que anda como um homem tem sido o símbolo aceito do Estado russo.

Assim, de muitas maneiras, descobrimos indícios de que as antigas raças eram mais sábias do que pensávamos e que o que chamamos de descobertas são, na verdade, apenas redescobertas.

Além dos limites ocidentais do oceano, eles localizaram a bela terra reservada pelos deuses para ser o paraíso terrestre. Ali, na plenitude dos tempos, todos os homens viriam em busca do Velocino de Ouro que estava pendurado na árvore sagrada das maçãs do sol; e os primeiros exploradores de fato viajaram para o Oeste em busca de um Velocino de Ouro - o ouro dos incas, os tesouros dos astecas e os templos de joias das sete cidades de Cibola.

Foi em um livro antigo que está no Museu Britânico que encontrei outra chave, ainda mais importante, para o significado do Velocino de Ouro. Os gregos sabiam que o Velocino de Ouro era, na verdade, um

pergaminho no qual estava escrito o segredo da imortalidade humana. Era esse pergaminho que Jasão procurava, pois quem o descobrisse obteria o segredo do império duradouro e do poder sobre o mundo inteiro.

Temos agora nos Estados Unidos, guardado na Biblioteca do Congresso, um Velocino de Ouro - a Declaração de Independência Americana, escrita na pele de um animal e preservada como a fórmula mágica da esperança humana. Aqueles que a compreendem e podem usar sabiamente a importância de seus escritos possuem o segredo da imortalidade da sociedade humana.

As curiosas fortunas da guerra trouxeram outro Velocino de Ouro do outro lado do mar, que agora está preservado junto com o nosso; esse segundo pergaminho é a Magna Charta, a lei inglesa de direitos humanos que serviu de inspiração para a Declaração de Independência Americana. Esses dois documentos imortais juntos formam a declaração dos direitos do homem e são os textos básicos da democracia moderna.

Pela sabedoria dos deuses que estão eternamente vigilantes quanto às necessidades do homem, as terras abençoadas do oeste foram separadas, pois nenhuma das grandes civilizações do passado se ergueu na América do Norte para obscurecer o continente com as ruínas da velha tradição ou para estabelecer as corrupções da velha política administrativa. Nações estrangeiras chegaram a este continente há muito tempo, mas não formaram assentamentos permanentes nem tentaram qualquer programa de colonização. Assim, o solo não foi empobrecido por milhares de anos de cultivo intensivo, nem os recursos naturais foram devastados para fornecer a substância para manter guerras intermináveis e rixas eternas.

Foi a ascensão do sonho democrático na Europa que proporcionou o início da civilização ocidental. Aqueles em busca de uma terra prometida se voltaram para o oeste. Ali havia um continente virgem povoado apenas por tribos de índios nômades, um vasto território adequado em todos os sentidos para o grande experimento humano da comunidade democrática.

No século XIX, as Hespérides americanas eram definitivamente a terra das oportunidades de ouro, e para ela vieram fluxos de imigração de quase todos os países do mundo. O melhor modo de vida os atraiu para cá, pois havia sido estabelecido que aqui os homens poderiam construir um futuro livre de tirania, intolerância e pobreza forçada. Aqui todos tiveram a oportunidade de estudar, de empreender livremente e de viver uma vida de acordo com os ditames da esperança e da consciência.

Se em um tempo relativamente curto muitas correntes raciais se encontraram e se misturaram, e uma nova raça foi formada, a raça americana não é uma raça a ser determinada por uma análise de sangue ou pelas proporções do crânio. Os americanos são uma raça determinada pela medida de uma convicção, separada por essa convicção; é a convicção de que os seres humanos são criados livres e têm direito a oportunidades iguais para se aperfeiçoarem na vida, na liberdade e na busca da felicidade.

E, nos últimos anos, fizemos outra descoberta. É que a raça da democracia é uma raça distribuída em todo o mundo. Entre homens e mulheres de todas as raças e nações, há aqueles que compartilham de nossa convicção e, por compartilharem essa convicção, são de nossa espécie e pertencem à nossa raça. Com essa constatação, marcamos o início da democracia mundial.

Os antigos acreditavam que os homens sábios eram uma raça separada e que, para fazer parte dessa raça, era necessário desenvolver a mente até um estado de inteligência iluminada. Os antigos filósofos ensinavam que o nascimento físico é um acidente, pois os homens nascem em várias raças e nacionalidades de acordo com as leis da geração; mas há um segundo nascimento, que não é um acidente; é a consequência de uma intenção adequada. Por meio desse segundo nascimento, o homem é bombeado pela inteligência iluminada para fora da nação e da raça, tornando-se uma nação internacional e uma raça internacional. É essa raça maior e futura que um dia herdará a Terra. Mas a menos que um homem seja bom novamente pela iluminação, ele não fará parte do império filosófico.

Nossa era de ouro passará e um dia a Era de Ouro voltará. Uma grandeza futura está agora lançando sua longa sombra sobre a face da natureza. A cada geração que passa, as responsabilidades do povo americano aumentarão. Cada vez mais seremos vistos como uma fonte de coragem, força e esperança.

E será dessa forma que cumpriremos o destino para o qual nossa nação foi criada por sonhadores de muito tempo atrás. Das Ilhas Abençoadas do Oeste deve vir o cumprimento da promessa de todas as eras.

## 4 A PRIMEIRA ELEIÇÃO DE LEGISLADORES

Sólon, de Atenas, liberou a pessoa dos devedores para reformar a instituição da escravidão por dívidas; instituiu a seleção de júris por sorteio, com a participação de todos os cidadãos; e concedeu o direito de voto a todos os contribuintes igualmente, iniciando assim a democracia nacional seiscentos anos antes de Cristo. ... Mais tarde, quando viajou para o Egito, ficou sabendo da primeira guerra de conquista, na história da Atlântida perdida, e conheceu as leis imperecíveis para o governo das nações.

O débito tem sido o fardo comum de todas as épocas e, ainda assim, toda a estrutura de nosso mundo econômico moderno é construída sobre o alicerce instável de contas a pagar e contas a receber. Há muito tempo, os juros devoraram seu próprio principal, e nós, por conta própria, estamos atualmente vivendo de dívidas não liquidadas.

Sólon, o maior estadista do mundo grego, foi confrontado com esse problema antigo quando, por volta de 595 a.C., foi convocado para a liderança do Estado com o título de Arconte. Ele recebeu poderes ilimitados para reformar os sistemas econômico e constitucional dos atenienses. Sua primeira medida foi atacar a antiga lei ática de dívidas, que ele acreditava ser a fonte da angústia pública.

Na época de Sólon, o campo grego estava repleto de marcos de pedra talhados de forma grosseira. Originalmente, eram pedras de limite que fixavam as linhas de propriedade das terras de vários cidadãos. Com o passar do tempo, tornou-se costume gravar nessas pedras os registros dos contratos de hipoteca que afetavam a propriedade que elas delimitavam. Depois de algum tempo, as pedras isoladas se tornaram insuficientes e, por fim, os monumentos de dívidas adicionados interferiram na lavoura dos campos.

Sólon, ao investigar a tragédia do monumento hipotecário, fez várias descobertas interessantes que mudariam o curso da economia humana. Quando fazendeiros pobres hipotecavam suas terras para famílias ricas em propriedades vizinhas e as dívidas não eram pagas, os ricos proprietários moviam suas pedras de limite para incluir a propriedade onerada, e os antigos proprietários se tornavam inquilinos. Esses arrendatários eram obrigados a pagar um sexto de seus produtos pelo privilégio de trabalhar o solo e, se falhassem, suas pessoas eram penhoradas e se tornavam escravos. Essa era a lei ática que Sólon aboliu, a lei que permitia empréstimos com a garantia da pessoa do devedor.

Quando Sólon restaurou a liberdade de todos os que haviam sido escravizados por dívidas, a reforma foi altamente aceitável, é claro, para as classes mais pobres, mas encontrou pouca aceitação entre os proprietários de terras. Eles imediatamente começaram a trabalhar em uma conspiração para desacreditar Sólon e forçá-lo a deixar o cargo. Assim, nos tempos antigos, quando a vida era muito simples, os problemas básicos que atormentavam o Estado e sobrecarregavam os legisladores decorriam das falácias persistentes da natureza humana.

Em um esforço adicional para trazer alguma aparência de ordem ao caos ateniense, Sólon também tentou uma reorganização das classes sociais, dando existência política a grandes grupos nunca antes representados no governo. Ele dividiu os cidadãos em quatro grupos que lembravam as antigas castas brâmanes. Em seguida, reajustou a tributação de modo que todas as classes mais pobres pagassem igualmente cerca de 5% de sua renda. A equalização da carga tributária de acordo com os recursos individuais abriu caminho para a igualdade de representação no corpo administrativo. Todos os cidadãos que pagavam impostos tinham o direito de ser ouvidos em questões de bem comum e tinham o privilégio de eleger magistrados. Essas medidas marcaram o início da democracia dos gregos antigos.

Mas a maior de todas as reformas de Sólon ocorreu nos tribunais de justiça. A seleção dos júris era feita por sorteio, com a participação de todos os cidadãos, até mesmo os mais pobres; e esses júris eram mantidos sob a pressão de grupos privilegiados estabelecidos.

Um dos regulamentos mais curiosos de Sólon lança luz sobre as dificuldades de sua época. Ele proibiu que uma noiva levasse para a casa de seu marido mais de três mudas de roupa e "mobília pessoal semelhante". Ele também determinou que cada cidadão deveria estar pronto para mostrar a qualquer momento a pessoas devidamente autorizadas como ele obtinha seu sustento. Qualquer cidadão que não fizesse isso perderia seu direito de voto.

As mudanças drásticas de Sólon lhe renderam tantos inimigos que, depois de alguns anos, ele sentiu que precisava renunciar ao fardo da liderança do Estado para recuperar sua honra. Aqueles que o odiavam e temiam, como Arconte, prontamente renovaram seu amor depois que ele deixou o cargo público e não ameaçou mais suas ambições.

Seu mandato como arconte trouxe a Sólon a percepção de sua própria inadequação, e ele visitou o Egito em busca de uma sabedoria maior. Ele foi recebido com gentileza e todo respeito pelos sacerdotes de Sais, que serviam ao santuário da Deusa Ísis. A esses sábios, ele contou a história de seu esforço para esclarecer os gregos

e corrigir os males de suas leis. O sumo sacerdote de Sais teria dito: "Infelizmente, vocês gregos, não passam de crianças, pois não conhecem a sabedoria dos deuses".

Certa noite, os sacerdotes de Sais conduziram Sólon pelas longas e escuras passagens do templo. Eles desceram escadas de pedra desgastadas pelo tempo e iluminadas apenas por tochas acesas, chegando finalmente a câmaras subterrâneas escavadas na rocha viva. Por essas câmaras fluía um rio. Os sacerdotes disseram que esse rio era o Nilo sagrado que fluía do Egito através do submundo para regar os campos dos imortais. Na margem do riacho subterrâneo, um pequeno barco preto estava esperando, remado por homens cegos.

Acompanhado pelo sumo sacerdote e pelos portadores da tocha, Sólon foi levado a remo pelas águas escuras. O barco parou nas margens de uma pequena ilha muito abaixo do solo. A luz das tochas incidiu sobre duas colunas altas que brilhavam; elas pareciam ser feitas de algum metal estranho, cobertas com uma curiosa escrita em um idioma desconhecido.

O Sumo Sacerdote, apontando sua vara de ouro para as colunas, explicou o mistério delas para o atônito Sólon. Essas colunas, disse ele, foram colocadas na ilha sob o solo há milhares de anos por um povo perdido que havia desaparecido para sempre da Terra. Os pilares eram de um metal desconhecido que não enferrujava nem se deteriorava com a idade.

Ele continuou: Há muito tempo, existia na Terra um vasto império, cujo poder se estendia a todos os cantos do mundo, e grandes frotas de navios mercantes navegavam pelos sete mares e traziam suas riquezas para a fabulosa cidade de Golden Gate. Aqui havia escolas para o estudo dos mistérios da natureza; torres para o exame das estrelas; minas sob a terra das quais os metais preciosos eram extraídos em abundância. Esse império era governado por sete reis, que eram descendentes de Netuno, o Deus dos Mares.

Então chegou o dia fatal em que os sete reis das Ilhas do Oeste, em desobediência às leis dos deuses, resolveram conquistar toda a Terra. E foi assim que surgiu a guerra, pois antes dessa época não havia conflitos entre os homens. E os sete reis lideraram um exército contra os gregos antigos e invadiram toda a Europa, vindo do oeste em grandes navios. Segundo Sólon, isso ocorreu cerca de 9.000 anos antes do cerco de Troia.

Os deuses ficaram furiosos porque os sete reis haviam entrado em guerra. Eles fizeram a terra tremer e as grandes ilhas do oeste desapareceram no mar. Em uma única noite, sessenta milhões de seres humanos pereceram por terem desobedecido às leis do céu. Com o tempo, até mesmo o nome do Império Atlântico foi esquecido, pois deve ser sempre assim que aqueles que desobedecem aos deuses desaparecerão da memória da humanidade, independentemente de sua riqueza ou poder.

"Nessas colunas antigas", disse o Sumo Sacerdote, "lemos as leis que foram dadas nos tempos antigos para o governo das nações. Essas leis não são feitas por homens, mas são a vontade da Natureza Eterna. Sobre essas leis devem ser construídos Estados duradouros. Afastar-se dessas leis é morrer. Assim pereceram as nações do mundo antigo."

Quando Sólon retornou à Grécia, sua intenção era pegar a história do Império Atlântico e transformá-la em um grande poema épico, mas a idade avançada e as responsabilidades do Estado interferiram. Em vez disso, Sólon contou a história com todos os detalhes para seu amigo íntimo, Dropis, que por sua vez a recitou para seu filho, Crítias. Em seus 90 anos, Crítias comunicou a narrativa a seu neto de mesmo nome, que mais tarde se tornou discípulo de Sócrates. Foi dessa forma que a história da Atlântida perdida acabou sendo incorporada aos diálogos platônicos como parte de uma conversa entre o jovem Crítias e seu mestre Sócrates.

O próprio diálogo recebeu o nome de *Crítias.*

## 5 A ANTIGA LIGA DAS NAÇÕES

Uma descrição da Atlântida perdida foi escrita por Platão; ela apresenta a liga formada pelos dez reis benevolentes que governavam as nações menores e os três grandes continentes da Europa, Ásia e África, e que se obrigaram por juramento a obedecer às leis divinas do império duradouro .......Essa era a democracia filosófica, com todos os homens tendo o direito de se tornarem sábios por meio da autodisciplina e do
autoaperfeiçoamento, alcançando assim a única aristocracia reconhecida pela Lei Natural .A história de Atlântida continua até a decisão posterior dos reis para usar seu poder unido para escravizar todos os povos da Terra e a consequente destruição da Atlântida por terremoto e fogo .................Interpretada politicamente, é a história do rompimento do padrão ideal de governo.

A destruição de Atlântida, conforme descrita por Platão em Crítias, pode ser interpretada como uma fábula política. A tradição do Império Perdido, como descendente de Sólon, foi ampliada e embelezada de acordo com as fórmulas da teologia órfica; mas não se segue necessariamente que Platão pretendesse desacreditar a ideia de que um continente perdido tivesse realmente existido a oeste da Europa. Platão era um filósofo; ele viu no relato da queda da Atlântida uma oportunidade admirável para resumir suas convicções a respeito de governo e política.

O *Crítias* descreve primeiramente o estado abençoado do povo atlante sob o governo benevolente de dez reis que estavam unidos em uma liga. Esses reis eram monarcas de sete ilhas e três grandes continentes. A partir da fábula, podemos inferir que os dez governantes da liga atlante eram reis filósofos, dotados de todas as virtudes e sábios guardiões do bem público. Esses reis obedeciam às leis do pai divino de sua casa, Poseidon, deus dos mares.

Na capital de Atlântida, havia o templo de Poseidon e, nele, uma figura dourada do deus. Nesse santuário também havia uma coluna de substância preciosa com a inscrição das leis do império duradouro. Os dez reis fizeram o juramento de obedecer a essas leis e escolheram um deles, geralmente da família de Atlas, para ser o chefe de sua liga.

Estava escrito na coluna da lei que os dez reis de Atlântida não deveriam pegar em armas uns contra os outros, por qualquer motivo. Se um deles violasse essa lei, os outros nove deveriam se unir contra ele para preservar a paz.

Em todas as questões relativas ao bem público, os dez reis deveriam deliberar juntos, e cada um deveria estar atento às necessidades justas dos outros, pois eram membros de um só corpo e regentes das terras de um deus abençoado.

Os reis não tinham o poder de vida ou morte sobre nenhum de seus súditos, exceto com o consentimento da maioria dos dez; e cada um era responsável perante toda a liga por sua conduta na administração de seu próprio Estado.

Dessa forma, Platão descreve o governo da Era de Ouro, na qual os homens vivem na Terra de acordo com as leis do céu.

Os três grandes continentes da Atlântida devem ser entendidos como Europa, Ásia e África; e as sete ilhas, como todos os povos menores da Terra. A liga dos dez reis é a comunidade cooperativa da humanidade, a forma natural e adequada de governo humano. A Atlântida, portanto, é o arquétipo ou o padrão do governo correto, que existiu nos dias antigos, mas foi destruído pelo egoísmo e pela ignorância dos homens.

Deve-se lembrar que Platão era um monarquista por convicção filosófica, mas seu rei ideal era o homem sábio perfeito nas virtudes e o governante natural daqueles menos informados do que ele. Esse rei era o pai de seu povo, impessoal e altruísta, dedicado ao bem público, um servo tanto dos deuses quanto de seus semelhantes. Esse rei era descendente de uma raça divina, ou seja, pertencia à Ordem dos Iluminados, pois aqueles que alcançam um estado de sabedoria pertencem à família dos heróis - seres humanos perfeitos.

A monarquia de Platão era, portanto, uma democracia filosófica, pois todos os homens tinham o direito de se tornar sábios por meio da autodisciplina e do autoaperfeiçoamento. Aquele que atingia esse estado era, em virtude de sua própria ação, um homem superior, e essa superioridade era a única aristocracia reconhecida pela Lei Natural.

A competição é natural para os ignorantes, e a cooperação é natural para os sábios. Obedecendo ao padrão estabelecido pelos deuses, os reis divinos se uniram à liga comum para obedecer às suas leis, preservar a paz e punir qualquer um cuja ambição pudesse impeli-los à tirania ou à conquista.

Aqui está, portanto, um padrão de governo mundial para assegurar a prosperidade de todos os povos e ativar a preservação da paz.

Platão descreve detalhadamente a prosperidade das Ilhas Atlânticas sob esse governo benevolente. Os cidadãos eram felizes, e a pobreza era desconhecida. Um comércio mundial foi estabelecido, e os navios da marinha atlante viajavam pelos sete mares, trazendo ricos tesouros para a terra natal. Havia pouco crime, as artes floresciam e as ciências eram cultivadas em grandes universidades. Os homens não tinham inimigos, e a guerra era desconhecida.

O deus Poseidon guardava os destinos de seus domínios e favorecia o Império Atlântico com um bom clima e solo fértil.

Os homens seguiam as ocupações que preferiam e viviam uma existência comunitária, compartilhando os frutos de seu trabalho. Platão tinha a convicção de que o ser humano não havia sido criado apenas para se envolver em escambo e troca, mas sim para se aperfeiçoar como o mais nobre dos animais, dotado de razão e governante natural do mundo material.

O *Crítias* descreve, então, a mudança gradual que ocorreu no decorrer das eras. No início, os atlantes viram claramente que sua riqueza e prosperidade aumentaram como resultado da amizade. Mas, gradualmente, a parte divina de sua consciência começou a se desvanecer neles; suas almas se diluíram com uma mistura mortal e a natureza humana ganhou ascendência. Tornaram-se impróprios e perderam as virtudes espirituais que eram o mais belo de seus preciosos dons.

É a história de como o homem se afastou do padrão perfeito de sua conduta e, no final, negou as próprias verdades que eram o alicerce de sua força. Com a perda de sua percepção espiritual, as ambições materiais aumentaram, e o desejo de conquista se tornou intenso. Os homens ansiavam por aquilo que não haviam conquistado e olhavam com olhos cobiçosos para os bens dos outros.

Os governantes do Estado foram corrompidos pelo mal comum; os dez reis não eram mais amigos; eles não se reuniam mais no templo de Poseidon para decidir todas as questões sob o juramento comum. Assim, a grande liga foi dissolvida pelo egoísmo e pela ambição. Foi então que surgiu a guerra e, com ela, a tirania e a opressão, o despotismo e a exploração dos povos.

Por fim, os reis da Atlântida decidiram usar seu poder comum para escravizar todos os povos da Terra.
Eles reuniram um vasto exército e atacaram a Europa pelo mar, chegando até mesmo a sitiar os Estados atenienses. E assim violaram a lei dos deuses, pois as doze divindades haviam dividido a Terra de tal forma que cada raça e nação recebeu a parte que lhe cabia.

Zeus, pai dos deuses, que carrega em sua mão os raios da retribuição divina, percebeu o mal da época e resolveu punir a arrogância dos atlantes. Mas até mesmo o Olimpo é uma comunidade, e os outros onze deuses foram convocados para o salão do conselho dos imortais.

"Quando todos os deuses se reuniram em conferência, Zeus se levantou entre eles e assim se dirigiu a eles..." ... é com essa linha que a história de Platão sobre a Atlântida termina; e as palavras de Zeus permanecem desconhecidas.

Mas os resultados da conferência não são deixados em dúvida. Zeus lançou seus raios contra o império do mar, sacudindo-o com terremotos e depois destruindo-o com uma combustão horrível. Os únicos registros que restaram foram tradições vagas e duas colunas erguidas sob o templo de Sais. A destruição da Atlântida pode ser interpretada politicamente como o rompimento do padrão ideal de governo.

Essa destruição foi tão completa que os homens se esqueceram de que existe um modo de vida melhor e, desde então, aceitaram os males da guerra, do crime e da pobreza como inevitáveis. O mundo perdeu também todo o senso de sua própria unidade; a mão de cada homem passou a ser levantada contra o seu vizinho. O estado perfeito desapareceu sob um dilúvio de política; os sacerdotes de Poseidon deram lugar ao sacerdócio de Mammon.

A visão política de Platão era a restauração do Império da Era de Ouro. Ele estava convencido de que os antigos costumes dos deuses deveriam ser restaurados para que os seres humanos pudessem ser preservados das corrupções que eles mesmos provocaram. Platão buscou esse objetivo quando estabeleceu sua universidade em Atenas - a primeira escola de educação formal da história. Ali, os homens aprendiam as grandes verdades da religião, filosofia, ciência e política, para restaurar a visão do Estado perfeito.

A antiga Atlântida havia desaparecido, dissolvida em um mar de dúvidas humanas. Mas o império filosófico voltaria a existir, como uma democracia de homens sábios.

Dois mil anos depois, Lord Bacon reformulou essa visão em sua *Nova Atlântida.*

## 6 UM PROJETO ROMANO PARA DAR O PODER AOS SÁBIOS

O ponto de vista platônico foi imaginado por Plotino
para tomar forma como uma cidade dos filósofos, cujo estabelecimento foi
aprovado por seu imperador romano como o mais nobre experimento no
tempo....
Mas o medo dos senadores romanos de que a projetada comunidade
de aprendizado pudesse finalmente derrubar o império, levou o projeto a nada,
pois Roma continuou no estado avançado de presunção
que precedeu imediatamente o colapso completo da nação.

DURANTE jogos de xadrez disputados quase setecentos anos após a morte de Platão, Plotino, o maior dos neoplatônicos, discutiu o problema do Estado com Galieno, imperador de Roma. O governante romano não era um pensador profundo, mas tinha uma mente excelente que se inclinava para o ponto de vista platônico, e frequentemente pedia conselhos ao grande filósofo e místico Plotino. Essa amizade fez com que Plotino confidenciasse ao imperador seu sonho de uma cidade filosófica.

A situação e as circunstâncias eram impressionantes. Um dos dois homens tinha a visão da maior necessidade do mundo, o outro tinha o poder de transformar essa visão em realidade.

Na Compania, não muito longe de Roma, havia as ruínas desertas de uma antiga cidade que havia sido destruída pelo vandalismo dos homens e pelas forças do tempo. Plotino pediu que esse fosse o local de uma moradia para os eruditos, que aqui, com fundos arrecadados de fontes públicas e privadas, fosse construída uma comunidade nobre, a ser governada pelas leis estabelecidas nos escritos de Platão e, para homenagear o grande homem, a cidade deveria se chamar Platonópolis.

Plotino salientou que tal projeto não só traria honra ao sábio, mas conferiria imortalidade ao nome do imperador, dignidade duradoura a todo o Império Romano. Galienus passou a favorecer o projeto como o mais nobre experimento do tempo. Mas o Senado romano viu o assunto com suspeita e alarme. Para eles, seria um grande infortúnio que a aristocracia da riqueza fosse desafiada pela aristocracia da lealdade - a cidade dos filósofos poderia finalmente derrubar o Império. Os filósofos sempre foram especialmente incômodos para os presunçosos, e Roma estava no estado avançado de presunção que precedia imediatamente o colapso completo de todo o Império.

Assim, Galeno teve que descobrir que os imperadores não eram todo-poderosos; ele foi discretamente informado por representantes de famílias poderosas e aristocráticas que, se continuasse a levar a sério o sonho de uma cidade filosófica, seria necessário encontrar como seu sucessor um governante com uma mentalidade mais prática.
Plotino e o imperador continuaram a jogar xadrez e a construir cidades filosóficas em conversas na privacidade dos aposentos reais, e Roma continuou em sua fuga precipitada rumo ao esquecimento.

Com exceção apenas dos anos recentes, esse foi o único momento na história em que houve uma tentativa séria de dar à sabedoria um lugar no plano temporal da vida. Os homens sábios são naturalmente dotados das qualidades de governança, mas têm tido pouca ou nenhuma voz na governança do mundo; suas vozes têm sido ouvidas somente depois que os próprios homens estão mortos. Platão vive assim hoje, e suas palavras têm mais vitalidade neste século do que em sua época na antiga Atenas.

As vicissitudes dos últimos anos resultaram em uma reflexão cada vez maior que trouxe a percepção de que as guerras destroem não apenas as estruturas econômicas e políticas das nações, mas também os monumentos insubstituíveis de cultura e aprendizado que são a riqueza duradoura do império. Grandes bibliotecas são reduzidas a escombros fumegantes pelos motores da guerra moderna, os tesouros artísticos de cinco mil anos desaparecem na fumaça da batalha, e a pilhagem impiedosa e a mutilação desenfreada são o acompanhamento inevitável das agressões militares. Tanto o vencedor quanto o vencido são empobrecidos por uma perda comum, e a posteridade é privada do mais nobre de seu patrimônio.

Isso não precisa continuar. A ação corretiva necessária não é mais do que os homens reservarem, em alguma parte selecionada da Terra, uma área a ser mantida à parte de todos os conflitos e lutas, e estabelecê-la como o repositório comum dos tesouros do aprendizado essencial. Em uma ilha distante de objetivos militares estratégicos, poderia ser construída uma cidade de arte, bibliotecas, museus, universidades, laboratórios e observatórios. Essas instituições poderiam ser unidas em uma grande estrutura, uma escola sobre todas as escolas, a cidade que se tornaria a capital do império intelectual. Ela poderia ser apropriadamente chamada de Platonópolis, em homenagem ao grande homem que primeiro concebeu a ideia da comunidade de aprendizado.

Em tempos de estresse ou perigo, cada nação poderia enviar para essa comunidade os cidadãos cuja excelência mental lhes daria direito a uma cidadania mundial. Aqui, protegidos de qualquer interferência externa, eles teriam permissão para continuar os vários trabalhos de suas vidas individuais para o enriquecimento de seu próprio tempo e de eras futuras, e seu conhecimento progredido se tornaria propriedade comum de todos os homens, independentemente de raça ou nação.

É seguro prever que essa cidade dos filósofos seria, em última análise, o instrumento mais prático e seguro para a realização de um ponto de vista mundial em todos os departamentos do pensamento humano. A nação internacional - o sonho do futuro que foi inspirado pelo terror da guerra moderna - teria seu início natural em uma união de intelectos superiores. A arte não conhece raça; a música é um denominador comum; a biologia e a física são servidas por exploradores dos segredos mais profundos e íntimos da natureza. Quando reconhecemos que o poeta, o erudito e o sábio são, de fato, uma raça que habita os subúrbios de um mundo superior, que eles são as mais nobres de nossas criaturas, podemos saber que nos honramos mais ao honrá-los.

Aqui está a solução para a grande reforma educacional tão necessária neste momento. Não podemos esperar construir uma nobreza do homem sobre a esterilidade de uma política educacional estreita, competitiva e materialista. A ignorância do homem tem sido a sua ruína. Somente a sabedoria pode restaurá-lo ao seu estado divino.

O movimento religioso no mundo moderno está se afastando da teologia e de todas as limitações artificiais estabelecidas por credos e dogmas. Para atender à insatisfação cada vez maior, deve haver uma nova visão a respeito da substância da verdade espiritual. A religião do futuro incluirá em sua própria estrutura o melhor da ciência, da arte, da literatura, da política e da sociologia. A espiritualidade não é uma fé cega sobre coisas invisíveis. É um uso inspirado de coisas conhecidas e disponíveis. O homem religioso é aquele que vive bem. É sacrílego o homem que perverte o bem universal para fins de ganho particular. As partes abstratas da religião são úteis apenas na medida em que justificam e comprovam as virtudes morais.

Dos amplos portões da cidade dos filósofos poderia fluir a inspiração para uma estimativa completamente nova do Universo e da relação do homem com ele. Quando as partes mais suaves do aprendizado exercerem domínio sobre a mente humana, a paz mundial será mais do que a substância das coisas que se espera.

O Senado Romano agora jaz em sua pequena e confortável tumba ao longo da Via Ápia. Mas, infelizmente, o temperamento do senador romano ainda sobrevive para se opor ao desconhecido e defender o privilégio privado contra a necessidade do mundo. E, por essa razão, pode ser tão difícil fundar a cidade dos filósofos sobre as ruínas da civilização moderna quanto foi construir Platonópolis sobre as ruínas da antiga cidade da Companhia.

No entanto, há uma diferença. Nos últimos 1.800 anos, a humanidade sofreu para chegar um pouco mais perto de um estado de esclarecimento. Somos um pouco mais velhos e um pouco mais sábios do que o Senado Romano. A educação e a ciência estão alojadas em instituições muito mais fortes do que naquela época em que professores errantes davam aulas nas portas das casas ou ao longo das estradas rurais. Em todas as nações do mundo civilizado, surgiram grandes instituições de ensino, ricamente dotadas e totalmente equipadas para enfrentar o desafio de uma nova era. O que falta a essas instituições é um espírito e um propósito comuns, e um ideal forte o suficiente para uni-las em um grande império de aprendizado.

Quando Platão sonhou com seu mundo de sábios, ele reservou o lugar principal para ser o templo do Deus Sempre Vivo. Nesse local, ele propôs erguer mais uma vez a coluna de substância preciosa com as leis dos imortais para a condução dos assuntos humanos. Os sábios voltariam a esse santuário para se comprometerem com o grande juramento de que deveriam viver em paz uns com os outros e servir a todos os homens, com justiça e sem favorecimento.

Esse juramento é o início do aprendizado e o fim das disputas.

## 7 A TRADIÇÃO DEMOCRÁTICA PRESERVADA PELAS SOCIEDADES SECRETAS

Por mais de três mil anos, as sociedades secretas trabalharam para
para criar a base de conhecimento necessária para o estabelecimento de uma democracia esclarecida
entre as nações do mundo... Os dionisíacos de Creek eram construtores de templos sociais e políticos,
conhecidos como colegiados na Roma posterior O surgimento da Igreja Cristã
O surgimento da Igreja Cristã trouxe a perseguição da ideologia do
padrão intelectual clássico, levando as guildas a um maior sigilo; mas
todas continuaram buscando a felicidade humana sob uma variedade de
rituais e símbolos; e elas ainda existem, como a Ordem da Busca.

O pensamento de ToDAY em relação a um estado mundial democrático não é uma tendência nova nem uma circunstância acidental; o trabalho de estabelecer o histórico de conhecimento necessário para o estabelecimento de uma democracia esclarecida entre todas as nações vem sendo realizado há muitas centenas de anos pelas sociedades secretas.

As sociedades secretas existem entre todos os povos, selvagens e civilizados, desde o início da história registrada. As organizações esotéricas dos tempos antigos eram, em sua maioria, religiosas e filosóficas. No mundo medieval, elas eram filosóficas e políticas. No mundo moderno, políticas e sociais.

As sociedades secretas tiveram a ocultação e a proteção como o primeiro propósito de sua existência. Os membros dessas ordens tinham algum conhecimento especial, geralmente participavam de certos ritos e rituais que não estavam disponíveis para os não membros, mas era mais importante que, por meio das sociedades, eles também pudessem praticar crenças e doutrinas em particular, pelas quais teriam sido condenados e perseguidos se esses ritos fossem tornados públicos.

Um segundo propósito das sociedades secretas era criar um mecanismo para a perpetuação, de geração em geração, de políticas, princípios ou sistemas de aprendizado, confinados a um grupo limitado de pessoas selecionadas e iniciadas.

Existem ordens secretas primitivas entre as tribos africanas, entre os esquimós e em todas as Índias Orientais e no norte da Ásia. Os índios americanos, os chineses, os hindus e os árabes têm organizações religiosas e fraternais elaboradas. Na maioria dos casos, essas ordens secretas são benevolentes e os membros são unidos por obrigações de ajuda mútua e serviço ao bem público. É inquestionável que as sociedades secretas de todas as épocas exerceram um grau considerável de influência política, geralmente contra o despotismo, a intolerância e o fanatismo religioso.

A Ordem dos Artífices Dionisíacos originou-se entre os gregos e sírios em algum momento remoto antes de 1500 a.C. Ela era composta originalmente por artesãos habilidosos, reunidos em uma guilda para perpetuar os segredos de seus ofícios. Gradualmente, a ciência da arquitetura ganhou precedência e dominou as políticas da sociedade. De acordo com a lenda, quando Salomão, rei de Israel, resolveu construir seu templo de acordo com a vontade de seu pai, Davi, ele foi a Tiro e contratou os serviços de um habilidoso trabalhador, Hiram Abiff, um mestre dos Artifices Dionisíacos. Os membros dessa sociedade tinham o direito exclusivo, em todos os estados gregos, de projetar os templos dos deuses, as casas do governo, os teatros de Dionísio e os edifícios usados para os jogos públicos.

É certo que os dionisíacos praticavam ritos secretos e adoravam os deuses sob o simbolismo geométrico; e que possuíam um conjunto de conhecimentos que incluía segredos matemáticos de proporção e design, certo conhecimento sobre a dinâmica universal e uma convicção filosófica, religiosa, moral e política sobre o aperfeiçoamento da sociedade humana. Eles se referiam aos seres humanos ignorantes e incultos como um ashlar áspero, ou seja, uma pedra não cortada que vem da pedreira, inadequada para os propósitos da construção. Por meio do refinamento resultante da autodisciplina e do vício nas artes divinas, o homem se aperfeiçoou, tornando-se quadrado, reto e verdadeiro, formando assim o verdadeiro ashlar, ou a pedra cortada que poderia se encaixar com outras em um padrão de alvenaria. Em seu trabalho secreto, os dionisíacos eram, portanto, construtores sociais e políticos de templos, e o templo no qual trabalhavam era o templo vivo do Deus vivo, "construído com pedras preparadas antes de serem trazidas para lá; de modo que não se ouvia na casa nem martelo, nem machado, nem qualquer ferramenta de ferro, enquanto estava sendo construído". Esse templo era a sociedade humana aperfeiçoada; e cada ser humano iluminado e aperfeiçoado era uma verdadeira pedra para sua construção.

Quando a cultura grega chegou a Roma, os latinos formaram sua própria sociedade dionisíaca e a chamaram de Collegia. O maior dos Collegia era um arquiteto, Vitruvius, às vezes chamado de pai da arquitetura moderna.

arquitetura moderna. Homem de grande conhecimento, ele foi responsável pelo saneamento superior de Roma e pelos grandes aquedutos que ainda margeiam a Via Ápia. Embora a Collegia dos romanos fosse menos filosófica do que a sociedade grega, devido ao temperamento diferente do povo latino, ela exercia um poder social considerável e perpetuava a essência da antiga crença.

O surgimento da Igreja Cristã rompeu o padrão intelectual do mundo pagão clássico. Ao perseguir as ideologias desse padrão, ela levou as sociedades secretas a um maior sigilo; os intelectuais pagãos, então, revestiram suas ideias originais com uma roupagem de fraseologia cristã, mas concederam as chaves do simbolismo somente àqueles devidamente iniciados e presos ao sigilo por seus votos.

Parte do movimento dionisíaco migrou para o leste a fim de construir o império do Islã, com cada pedra da mesquita e do palácio trazendo a marca dos mestres pedreiros. Mais tarde, a migração continuou até a Índia, onde essas mesmas marcas podem ser vistas nos monumentos da dinastia Mogol.

No desenvolvimento inicial da Europa, os dionisíacos se tornaram a guilda dos construtores de catedrais. Eles assinavam cada pedra com os símbolos secretos de seu culto e, nas intrincadas esculturas da igreja e da capela, trabalhavam as antigas figuras e desenhos pagãos. Muitas guildas surgiram, unindo artesãos habilidosos em confrarias de artes, ofícios e profissões. A arquitetura continuou sendo o instrumento escolhido para a perpetuação do Grande Projeto - a construção do mundo perfeito.

Todas as ciências continham homens brilhantes e perspicazes que desejavam igualmente contribuir com sua parte para o império filosófico do futuro. Sociedades secretas foram formadas em suas próprias profissões, usando os emblemas estabelecidos em suas artes para ocultar suas aspirações sociais. Assim surgiram os alquimistas, os químicos místicos que buscavam o elixir da vida, a pedra do sábio, o remédio universal e o agente para a transmutação dos metais.

O elixir da vida é a própria verdade, o preservador de todas as coisas.

A pedra do sábio é a ciência, que pode realizar todas as maravilhas e resolver todos os enigmas da esfera mortal. O remédio universal é a sabedoria, a única cura para a ignorância, que é a doença universal.

O agente para a transmutação de metais é o padrão do Estado Universal, a essência do plano perfeito para uma civilização mundial por meio da qual todos os elementos básicos da sociedade humana podem ser transmutados no ouro espiritual do propósito correto.

Na Itália, os Illuminati buscavam a pérola de grande valor escondida nas águas profundas da corrupção mortal.

No norte da Europa, os Cavaleiros do Santo Graal dedicaram suas vidas à busca do c á l i c e da paixão.

Os cabalistas cristãos e judeus ponderavam as letras das escrituras para encontrar o segredo da coroa dos esplendores, e os rosacruzes, em suas casas ocultas, usavam a Rosa de Sharon como símbolo do amor fraternal, um simples rearranjo das letras r-o-s-e tornando-se e-r-o-s, o Deus grego do amor, Eros.

Todos esses grupos pertencem ao que é chamado de The Order of the Quest (A Ordem da Busca). Todos estavam buscando a mesma coisa sob uma variedade de rituais e símbolos. Essa única coisa era uma ordem social perfeita, a comunidade de Platão, o governo do rei-filósofo. Para esse fim, cada um deles consagrou sua vida e seu conhecimento, explorando cada vez mais os segredos da natureza para descobrir o maior de todos os segredos - o segredo da felicidade humana.

Estamos em dívida com esses Irmãos da Busca por nossas ciências, artes e ofícios de hoje. Eles foram os descobridores; eles foram os astrônomos, cientistas, médicos, matemáticos e artistas cujas obras valorizamos, mas cujos sonhos ignoramos. Eles deram conhecimento ao mundo para fazer os homens felizes. Nós usamos seu conhecimento para enriquecer alguns homens. Pervertemos suas habilidades, profanamos seus sonhos e profanamos seu misticismo. Mas o conhecimento que eles nos deram está disponível para ser usado de uma maneira mais nobre, e algum dia despertaremos para nossa responsabilidade com a percepção de que é nosso dever comum restaurar a dignidade do aprendizado e dedicar-nos desinteressadamente às necessidades humanas.

Por volta de meados do século XVII, Sir Elias Ashmole, patrono das artes liberais e fundador do Ashmolian Museum em Oxford, foi iniciado na guilda dos maçons operativos de Londres, sendo o primeiro não artesão a ter permissão para se tornar membro. Daquela época em diante, todo o padrão das guildas foi alterado, e a maçonaria especulativa passou a dominar a forma mais antiga do ofício, e o construtor intelectual passou a se destacar.
Um véu do antigo simbolismo foi levantado, revelando com total clareza que as guildas eram dedicadas a um programa social e político.

Dessa forma, o antigo sonho do império filosófico desceu do mundo antigo para a época moderna. As sociedades secretas ainda existem e, independentemente da intemperança dos tempos, elas continuarão a florescer até que a Busca seja concluída.

Por mais de três mil anos, as sociedades secretas trabalharam para criar a base de conhecimento necessária para o estabelecimento de uma democracia esclarecida entre as nações do mundo.

Muitos estudiosos estavam plenamente cientes da forma global da Terra
na época de Colombo, que, de acordo com os primeiros historiadores, documentos
do Estado e seu próprio filho, não era um italiano de posição humilde e sem
instrução
mas era um príncipe grego com excelente educação clássica. ...
Foi de um porto grego que ele partiu para a célebre viagem de descoberta.
Ele estava acompanhado de um estranho misterioso, o que sugeriu que
Colombo era um agente da sociedade de filósofos desconhecidos. ...
O padrão do ideal democrático estava começando a se impor sobre a tirania da aristocracia decadente.
Um novo mundo era necessário para uma nova ideia Quando foi necessário, ele foi descoberto.

*Observação: A Universidade de Barcelona declarou genuíno um documento descoberto por um arqueólogo italiano em 1929. Ele registra que o tesoureiro da Espanha aconselhou Colombo a se apresentar como cristóforo ao exigir ajuda do rei da Espanha, e afirma enfaticamente que o almirante Colombo não era o mesmo homem que Christophoro Colombo, filho de Dominico e Susana Fontanarossa, que vivia em Gênova.*

A assinatura cifrada de Colombo (reproduzida acima) é geralmente interpretada como Salve Christus, Meria, Yosephus-Christoferens. Era comum construir cifras pessoais na data. Se as sete letras grandes acima da assinatura forem lidas de acordo com o sistema medieval de numeração, o resultado será a data de 1420. O "x" parece ser uma letra dupla composta de "jx"; isso aumentaria a soma para 1430. Seria essa, então, a verdadeira e desconhecida data de nascimento do navegador grego?

Como dito anteriormente, não há dúvida de que os gregos sabiam da existência do continente americano muito antes do início da era cristã. Se as informações sobre esse ponto não são gerais, é igualmente surpreendente o pouco que se sabe sobre o homem a quem se atribui a descoberta do novo mundo, Cristóvão Colombo. A data de seu nascimento não foi registrada, e vinte cidades afirmam que Colombo é nativo. Surgiram tantas lendas sobre esse estranho homem que é difícil distinguir fatos de fantasias.

Em 1937, foi publicado um pequeno livro intitulado *Christopher Columbus Was A Greek (Cristóvão Colombo era grego).* De acordo com seu autor, Spyros Cateras, o nome verdadeiro de Colombo era Príncipe Nikolaos Ypsilantis, e ele veio da ilha grega de Chios. Essa afirmação é respaldada por citações de vários historiadores antigos e documentos estatais.

O autor desse pequeno livro documentou suas opiniões de forma a alegrar o leitor crítico. Ele menciona os seguintes gregos que navegaram pelo oceano Atlântico nos tempos antigos: Hércules, Odyssus, Colaeus, Pytheus e Eratóstenes. Ele ressalta que o idioma dos antigos maias do continente americano contém muitas palavras de grego puro pertencentes ao período homérico e, para citar o livro, ele diz "Anos atrás, na república do Uruguai, na América do Sul, foram descobertos vestígios do exército de Alexandre, o Grande, espadas e espadas com a inscrição 'PTOLEMEOS ALEXANDROY'!".

Todas as pesquisas modernas sobre a vida de Colombo tendem a provar que ele não era um homem de posição humilde, pobre ou sem instrução, e a história da Rainha Isabella e suas joias está rapidamente se tornando ficção. Colombo está emergindo como um homem de personalidade impressionante, com habilidades marcantes como líder e organizador e uma excelente educação clássica.

Como a maioria dos gregos de sua época, ele admirava os escritos de Platão e de outros filósofos clássicos; ele tinha o direito de nascença grego da lenda e da tradição e era mentalmente bem adaptado para interpretar a tradição clássica. Há muitos indícios de que Colombo se inspirou para suas viagens no relato de Platão sobre a Atlântida perdida e nos registros das primeiras navegações para o Ocidente. Além disso, a Europa não deixava de ter algum conhecimento de geografia e, em sua época, havia muitos estudiosos cientes da forma esférica da Terra.

Um grande comércio com a Ásia já passava há muito tempo pelas rotas de caravanas do Oriente Próximo, já que os árabes eram, em sua maioria, um povo amigável; mas com a ascensão do Império Turco ao poder, a maioria dessas rotas foi fechada para os infiéis. Quando até mesmo as Cruzadas não conseguiram manter livres as estradas do comércio, tornou-se cada vez mais desejável descobrir uma passagem ocidental para o Oriente. Foi com esse objetivo que Colombo navegou, e não de um porto italiano ou espanhol, mas do porto grego de Mahon.

É surpreendente como é difícil apurar os fatos sobre a célebre viagem de descoberta e a vida de alguém tão proeminente na história como Cristóvão Colombo; parece que a história entrou em uma conspiração para ocultar a verdade. É possível que uma deturpação elaborada tenha sido intencional, pois certamente a confusão começou antes da morte de Colombo. O próprio filho de Elis se refere a seu pai como grego. Sugeriu-se que Colombo mudou seu nome devido a pressões religiosas ou políticas, mas isso está no campo das conjecturas.

Além disso, ao navegar pelos registros antigos, deparei-me com uma figura obscura envolvida na vida de Colombo, um homem estranho que parece ter servido ao explorador na capacidade de conselheiro. Nada muito tangível ainda veio à tona, mas há indícios de que essa pessoa misteriosa acompanhou Colombo em sua primeira viagem. Ele não foi incluído na lista de marinheiros. Ele não retornou, mas permaneceu nas Índias Ocidentais; além disso, não há mais nenhuma menção a ele.

Esse estranho misterioso lembra o homem de manto negro que guiou o destino de Maomé. Seriam essas figuras obscuras embaixadores do governo secreto - sendo Colombo um dos agentes por meio dos quais a sociedade de filósofos desconhecidos realizava seus propósitos?

Em minha opinião, ele era um desses agentes. A assinatura de Colombo, composta de letras curiosamente dispostas e combinadas com desenhos cabalísticos, certamente transmite muito mais do que é inerente à assinatura de um cidadão comum.

A importância de Colombo no esquema mais amplo das coisas deve ser avaliada a partir de sua relação com o padrão de sua própria época. A Europa, saindo da obscuridade do período medieval, estava chegando à luz do modo de vida moderno; o movimento da Renascença havia se espalhado como ondulações cada vez maiores sobre a superfície de uma piscina estagnada. A impressão havia sido descoberta; a emancipação mental do homem da tirania da ignorância, da superstição e do medo estava sendo realizada gradualmente. O ideal democrático estava começando a se impor sobre a tirania da aristocracia decadente.

À medida que o horizonte mental se ampliava, o horizonte físico também se estendia. As Cruzadas haviam rompido a estrutura do feudalismo. Os principados estavam se transformando em nações, e a consciência tribal estava desaparecendo do teatro da política europeia. A cada passo, esse progresso sofria a oposição de interesses particulares. Mas a mente humana estava se conscientizando de seus próprios poderes, em um movimento de força contínua e irresistível.

Um novo mundo era necessário para uma nova ideia. Quando foi necessário, ele foi descoberto. O que é necessário está sempre próximo se o homem tiver a perspicácia de encontrá-lo.

Hoje estamos novamente buscando um novo mundo. Não há mais continentes não descobertos para nos servir como laboratórios para experimentos sociais, então estamos voltando nossa atenção para outros tipos de mundos - mundos de pensamento, esferas internas que ainda devem ser exploradas por navegadores ousados. Nos últimos cinquenta anos, a ciência descobriu um novo universo - o universo da mente. A psicologia infantil está apenas amadurecendo para que possamos descobrir completamente uma nova esfera para uma nova exploração na ciência da vida.

As viagens de Colombo foram seguidas por dois séculos de ampliação de nosso conhecimento geográfico da Terra. Os exploradores que navegaram pelos sete mares em busca de riquezas trouxeram conhecimento para casa; isso libertou o pensamento humano de sua fixação mediterrânea e atingiu o objetivo ainda maior de quebrar o poder da teologia e do modo de vida mediterrâneos. Os homens começaram a ter pensamentos mundiais, começaram a perceber que, embora a Terra inteira fosse uma terra dividida em continentes e oceanos, ela ainda era uma unidade gigantesca. A partir das andanças globais de robustos capitães do mar em pequenos navios de madeira, desenvolveu-se o chamado pensamento global de hoje.

O conceito de um mundo global, pelo menos em termos de geografia, é agora nossa herança comum. Depois de quatrocentos e cinquenta anos, nós o aceitamos sem questionar, mas principalmente para brincar com a crença de que conseguiremos algo em termos de objetivos finais se conseguirmos industrializar o planeta inteiro. Nosso mundo ainda é grande demais para que saibamos como usá-lo. Descobrimos muito, mas o mais importante é que o mundo é muito grande. Descobrimos muito, mas a maior viagem ainda está à nossa frente.

Nossa aventura será naquele oceano maior que está além dos limites do conhecido. As novas viagens serão feitas em laboratórios, e as correntes contrárias serão os raios cósmicos que se movem pelos mares do éter universal.

Isso exigirá que cada homem faça uma longa jornada de descoberta dentro de si mesmo, buscando os lugares ocultos de sua mente e coração. Como Sócrates tão sabiamente observou, toda a humanidade vive ao longo da costa de uma terra desconhecida. Esse mundo inexplorado é repleto de maravilhas e riquezas que vão além dos sonhos mais loucos dos antigos conquistadores espanhóis. Nessa terra além do mar da dúvida, os sábios vivem juntos em bosques sombreados e aqui, de acordo com a antiga tradição, o erudito, o músico, o artista e o poeta - que faz as descobertas que a ciência e a filosofia devem comprovar mais tarde - já encontraram o melhor modo de vida.

Cristóvão Colombo navegou em seus pequenos navios rumo a uma terra que, pelos escritos dos antigos filósofos, ele sabia que existia. E cada um de nós, na plenitude dos tempos, fará sua própria viagem em busca de um mundo melhor, filosoficamente mapeado - seguindo o conselho de Homero, preparando nossos navios, desfraldando nossas velas e enfrentando o desconhecido, saindo ao mar para encontrar nossa própria terra natal distante.

## 9 AS PROFECIAS DE NOSTRADAMUS

Onze anos depois que Colombo chegou às nossas costas, um homem extraordinário nasceu na França.
Na vida adulta, ele foi um médico respeitado e um místico capaz de
para escrever com precisão a história do mundo vindouro .Na época, não havia nenhuma indicação
que no Hemisfério Ocidental surgiria uma grande nação, mas o
Dr. Michel Nostradamus viu uma civilização estabelecida lá
que observaria (sempre em uma quinta-feira) um dia para expressar ação de
graças pela liberdade de religião, liberdade de oportunidade e liberdade de
vida. ...
Ele profetizou que essa nação se libertaria das amarras da pátria-mãe, prosperaria muito,
mas teria de travar várias guerras - uma delas com o Oriente - antes de se tornar uma
grande potência em um padrão de paz mundial,
com outras nações buscando sua liderança. ...
Tudo o que ele previu está precisamente de acordo com a tradição platônica.

Geralmente, escrevem-se histórias sobre os homens que influenciam de forma proeminente os eventos que fazem a história; pouco se escreve - embora possa ser de maior interesse - sobre aquelas figuras sombrias que parecem estar sempre por trás dos homens que fazem a história.

Michel Nostradamus, vidente da França, está entre os mais extraordinários desses homens; nascido em 1503 e possuidor de alguma fonte interna de conhecimento além do alcance dos mortais comuns, ele escreveu a história do mundo que estava por vir!

Duzentos anos mais tarde, o célebre iluminista e rosacruz, o conde de St. Germain, comentou com seu amigo íntimo, o príncipe Carl de Hesse-Cassel, que foi ele quem ajudou Nostradamus a calcular suas notáveis previsões.

Tudo isso é muito obscuro para historiadores sóbrios, embora alguns tenham passado um tempo considerável e desenvolvido inúmeras dores de cabeça tentando rastrear a vida do ilusório conde, que foi chamado por Frederico, o Grande, de "O homem que não morre".

Nostradamus era um médico respeitado, um homem de realizações médicas extraordinárias. Poucos detalhes de sua vida estão disponíveis, mas pelo contexto de seus manuscritos, suas epístolas ao rei da França e suas cartas ao próprio filho, é evidente que ele também pertencia à Ordem da Busca. Místico, filósofo, astrólogo, alquimista e cabalista, Nostradamus era versado em todo o conhecimento secreto revelado apenas àqueles que se comprometeram com o juramento da irmandade.

As profecias de Nostradamus podem ter surgido inteiramente como revelações do espírito, mas é igualmente possível que em seus estranhos versos doggerel ele tenha incluído parte do plano das coisas que estavam por vir, já bem definido nas mentes e nos propósitos de seus irmãos iniciados.

A primeira edição das *Profecias de Nostradamus* foi publicada em 1660. Naquela época, as Américas ainda eram o feliz território de caça dos aventureiros espanhóis. Não havia nenhuma indicação de que no Hemisfério Ocidental surgiria uma grande nação. No entanto, Nostradamus escreve em uma extensão suficiente sobre o futuro estado da América para indicar um conhecimento extraordinário.

O velho vidente se refere a esse país com vários nomes. Ele o chama de Hisparides, as Ilhas Abençoadas do Ocidente. Em outro lugar, ele simplesmente a chama de América. E sua terceira designação é "A Terra que Mantém a Quinta-Feira".

Essa última forma é a mais surpreendente. Pois ela se refere ao único feriado americano, o Dia de Ação de Graças, que sempre cai em uma quinta-feira. E esse é o único feriado que depende apenas do dia para sua observância, e é peculiarmente o feriado americano que expressa gratidão pela liberdade de religião, liberdade de oportunidade e liberdade de vida.

É difícil resumir as opiniões de Nostradamus com relação ao destino futuro da civilização ocidental, devido à linguagem envolvente do texto original. Mas ele aponta claramente certas coisas que aconteceram. Ele viu que uma grande civilização surgiria no mundo ocidental. Essa civilização se libertaria das amarras de sua pátria mãe e assumiria um lugar livre entre os poderes temporais. O novo país floresceria e estenderia seu domínio por todo o continente. Ele previu que se tornaria rico e poderoso e viveria em paz com seu irmão (Canadá). Ele disse que os Estados Unidos teriam de lutar em várias guerras,

incluindo uma com o Oriente. Ele descreve esse conflito como uma águia voando contra o sol nascente e, em sua época, nem a águia nem o sol nascente tinham o menor significado no simbolismo das nações.

Cumprindo seu destino, Nostradamus previu que os Estados Unidos se tornariam uma grande potência em um padrão de paz mundial e que seriam procurados por outras nações para liderar contra os males comuns da época. Em suma, quando Nostradamus prediz a história das Ilhas Abençoadas, está precisamente de acordo com a tradição platônica; e não podemos deixar de nos perguntar se ele fazia parte dessa tradição e sabia exatamente do que falava.

Se o médico francês do século XVI teve suas visões de dentro de si mesmo ou se simplesmente escreveu o que lhe foi dado por outra pessoa, nunca saberemos. Os pensadores convencionais, duvidando de tais poderes proféticos, inclinam-se para a segunda alternativa. E isso não os deixará menos confortáveis, pois a existência desse plano secreto da irmandade é então virtualmente admitida.

Nostradamus não é o único profeta que pressentiu ou conheceu o futuro do império ocidental. Houve o Dr. Ebenezar Sibly, que prosperou na Inglaterra por volta do final do século XVIII. Há relatos de que Sibly tinha uma esposa maliciosa e foi para escapar da língua dela que ele se retirou para um sótão de sua casa para refletir sobre os mistérios do Universo, e suas refeições eram passadas a ele por um buraco na porta. O Dr. Sibly dividia seu tempo entre um elixir infalível que, se dissolvido em vinho, dissolveria todos os males humanos, e a escrita de longos livros sobre astrologia, fisiologia e anatomia.

Em sua época, a república americana estava em sua infância, e políticos brilhantes na Câmara dos Comuns previam que as colônias rebeldes logo estariam implorando de joelhos para serem restauradas à comunidade britânica. Sibly, apesar de ser um britânico robusto, lamentou ter de apontar que, pelo menos em um detalhe, um astrólogo em seu quarto seria mais sábio do que os melhores políticos da Europa, pois, infelizmente, as colônias americanas não voltariam para casa - os astros decretaram o contrário. Não só permaneceriam fora do rebanho, disse ele, como também ficariam ricas e poderosas; estendendo-se por todo o continente, os americanos construiriam grandes cidades e desenvolveriam o comércio e a indústria mundiais. E, um dia - pensamento horrível - eles seriam mais fortes do que a pátria mãe! E essa era a verdade que deveria ser dita, mesmo que apenas por um buraco na porta de um sótão.

Deve-se lembrar que, entre os antigos, a astrologia era uma das ciências do governo. O aspecto prognóstico do assunto não era o principal interesse nas mentes de homens como Pitágoras e Platão; esses filósofos viam no movimento dos corpos celestes e na ordem do cosmo um grande padrão de leis naturais. O Universo era um império celestial povoado de planetas, sóis e luas, em um arranjo celestial que era uma pista para a distribuição adequada dos assuntos humanos. O Estado, defendiam eles, deveria seguir o padrão do Cosmos. Os governos dos homens deveriam estar em harmonia com o governo maior do mundo.

Muitos livros antigos de astrologia indicam claramente que os símbolos planetários eram usados para representar os elementos de um sistema político e que os próprios astrólogos faziam parte da Ordem da Busca. Sob o manto de astrólogos profissionais, eles eram conselheiros que aconselhavam reis e príncipes a estabelecer leis melhores e governar seus povos com mais sabedoria.

Nostradamus foi consultado por três reis. A rainha mais poderosa da Europa, Catarina de Médici, também o consultou em várias ocasiões. Seus conselhos eram sempre moderados e voltados para o bem público. Sua erudição proporcionou uma perspectiva sobre problemas políticos que estava além do escopo das profissões de estadista.

Todos os pequenos príncipes da Europa nos tempos medievais tinham seus Merlins, velhos sábios que, em muitos casos, eram os verdadeiros governantes do Estado. É óbvio que se esses conselheiros estivessem unidos por algum objetivo comum, seu poder coletivo seria considerável. E eles estavam unidos, na sociedade secreta de filósofos desconhecidos, movendo as coroas da Europa como em um poderoso tabuleiro de xadrez. Homens desse calibre provocam as mutações do império. A opinião geral é que as revoluções começam com o povo comum, mas isso não é verdade; os benevolentemente informados sempre guiam e dirigem a opinião pública.

Ao longo dos séculos, as profecias de Nostradamus continuaram a exercer uma força poderosa sobre o destino político do mundo. Elas foram traduzidas para a maioria dos idiomas da Europa; foram citadas e reimpressas com frequência durante o período da Primeira Guerra Mundial; e na Segunda Guerra Mundial, tanto o Eixo quanto as potências aliadas citaram Nostradamus de várias maneiras para servir a seus propósitos.

É no quadro mais amplo do futuro do mundo que Nostradamus indica a chegada da grande liga, ou assembleia das potências mundiais. Essa liga será a única esperança humana de paz, a única solução para uma competição entre nações. A formação dessa liga dá início à nova vida da raça humana e permitirá que o ser humano finalmente emerja no estado para o qual foi criado.

A barbárie termina com o início da civilização mundial. Ser civilizado, de acordo com Cícero, é atingir aquele estado de comportamento pessoal e coletivo no qual os homens podem viver juntos de forma harmoniosa e construtiva, unidos para a melhoria de todos. Por essa definição, nunca fomos civilizados. Existimos em um estado de selvageria culta.

A promessa de Nostradamus é especialmente significativa nestes anos difíceis, pois ele nos assegura que a comunidade das nações se tornará uma realidade.

Os homens que ao longo dos séculos imaginaram a Utopia pertencem a eras ainda não nascidas, quando os princípios da filosofia natural serão aplicados aos problemas de governo e os dilemas sociais serão examinados em busca de soluções que hoje são consideradas impraticáveis

## 10 O PROJETO DAS UTOPIAS

Sir Thomas More escreveu uma fábula, há cerca de quatrocentos anos, para apresentar o estado social do homem em uma comunidade filosófica, mas o mundo não entendeu a questão de forma tão completa,
que a própria palavra "Utopia" é, ainda hoje, sinônimo de ideais otimistas, mas impraticáveis, de reforma Campenella, um filósofo italiano,
escreveu sobre a maior tragédia no fato de que apenas o assunto de estadista havia sido negligenciado, já que praticamente todos os outros assuntos haviam sido reduzidos a uma ciência.
Ele insistiu que os funcionários do governo deveriam ser eleitos após um exame para determinar o conhecimento e a aptidão Boccalini contribuiu ainda mais para a literatura utópica,
e Andreae procurou cristianizá-la, com o tema: "Por falta de visão, o povo perece".

Uma das produções literárias mais conhecidas e menos lidas do mundo é a *Utopia* de Sir Thomas More. Foi composta por um homem que sofreu muito com a corrupção política de sua época, 1478-1535; tendo ocupado um alto cargo, More estava bem familiarizado com as maquinações comumente chamadas de conspirações do Estado.

More também deve ser considerado um platonista, pois toda a estrutura da Utopia é emprestada da *República* de Platão*,* e o livro é permeado por toda a ideologia platônica relativa ao Estado ideal. Sob uma sátira pouco velada que atacava as políticas do rei Henrique VIII, aqui está outra voz chamando os homens para a correção de seus vícios políticos.

Infelizmente, o sucesso imediato do livro de More deveu-se ao seu ataque ao rei e ao governo em geral, e não a qualquer consideração séria sobre os remédios que ele sugeria.

Na *Utopia,* More apresenta sua convicção filosófica e política na forma de uma fábula que estabelece o estado social do homem em uma comunidade filosófica. O mundo perdeu tão completamente o ponto principal que More tentou enfatizar, que a própria palavra "Utopia" tornou-se sinônimo de ideais otimistas, mas impraticáveis, de reforma.

Sir Thomas More estava séculos à frente de sua época, razão suficiente para que não pudesse ser apreciado. Juntamente com o mestre Platão, More pertence a eras ainda não nascidas, ao tempo em que os homens cansados de estudar os dilemas que agora examinam com o que pensam ser prático, se voltarão para soluções que agora chamam de impraticáveis.

Um importante utopista foi Tommaso Campenella, 1568-1639, filósofo italiano também com fortes tendências platônicas. Com a sabedoria de seus anos, Campenella compôs a Civitas Solis, a cidade do sol. Nessa obra, ele se afastou de seus interesses habituais - ciência, matemática e religião - para aplicar os princípios da filosofia natural aos problemas de governo. Ele considerava uma grande tragédia o fato de os homens terem reduzido a uma ciência praticamente todos os ramos do aprendizado, exceto o de estadista, que continuava a ser deixado aos caprichos de políticos incompetentes, hábeis apenas nas artes da avareza.

Infelizmente, Campenella não conseguiu libertar sua mente totalmente do padrão do mundo contemporâneo, por isso seus ideais são confusos e não totalmente consistentes. Ele via o governo como uma espécie de mal necessário a ser suportado até que cada homem se tornasse autônomo em seu próprio direito. Na medida em que o indivíduo é incapaz de praticar as virtudes morais, ele deve estar sujeito às leis que o protegem de si mesmo e protegem os outros de suas ações imprudentes. O principal objetivo da vida, então, é libertar-se do domínio do governo por meio do aperfeiçoamento do caráter pessoal.

Campenella imaginou o Estado perfeito como uma espécie de comunidade comunista na qual os homens compartilhavam todas as propriedades do Estado, recebendo mais ou menos de acordo com o mérito da ação de cada um. Sua teoria de que o Estado deveria controlar a propagação é um pouco difícil de ser aplicada, mas seu conselho de que todos os homens deveriam receber treinamento militar como parte de sua educação seria bem aceito atualmente. Ele insistia que os funcionários do governo deveriam ser eleitos por meio de um exame para determinar o conhecimento e a aptidão, e a promoção deveria ser feita apenas por mérito e sem interferência política. Essa visão é definitivamente platônica e leva naturalmente à concepção de Platão do rei-filósofo como o governante adequado para seu povo.

Campenella pode ter pretendido que sua *City of the Sun* fosse uma visão filosófica de um governo mundial adequado, ou pode ter apresentado apenas a base para uma nova constituição para a cidade de Nápoles, que naquela época estava ansiosa para se tornar uma cidade livre. Também se diz que Campenella não tinha a beleza e o idealismo dos grandes platonistas e, embora isso provavelmente seja verdade, seu livro é testemunha dos males de seu próprio tempo e um lembrete para nós de que a maioria dos males que ele apontou continua sem correção.

No ano de 1613, Trajano Boccalini, com setenta e sete anos, foi estrangulado até a morte em sua cama por assassinos contratados. Pelo menos esse é um relato. Outro historiador nos informa que ele morreu de cólica. Um terceiro descreve sua morte como resultado de ter sido golpeado com sacos de areia. De qualquer forma, ele morreu. E acredita-se que o fim de Trajano se deveu a um livro que ele publicou, intitulado *Ragguagli di Parnaso,* uma exposição espirituosa das fraquezas de seu tempo.

A 77ª seção desse livro é intitulada "A General Reformation of the World" (Uma Reforma Geral do Mundo). Como os outros utopistas, Boccalini usou uma fábula para apontar os males políticos e suas correções: Apolo, o deus da luz e da verdade, está consternado com o número crescente de suicídios que estão ocorrendo entre os homens. Assim, ele nomeia um comitê composto pelos filósofos mais sábios de todos os tempos para examinar a situação da raça humana. Esses homens trazem um relato detalhado e várias recomendações para Apolo. Quase todos os males do governo moderno estão incluídos, desde tarifas de proteção até usura em dívidas privadas. A conclusão final a que o comitê chegou é que o problema humano é insolúvel, exceto por um longo processo que envolve sofrimento e desastre. Como solução imediata, o melhor que poderia ser feito era regular o preço dos repolhos, que parecia ser o único artigo não defendido por uma força adequada da opinião pública ou por um lobby grande o suficiente nos locais de poder.

A sátira de Boccalini é importante porque constituiu a primeira declaração publicada da Sociedade dos Rosacruzes. Ela ressalta que, primeiro, os males devem ser reconhecidos; depois, o público deve ser educado para assumir sua devida responsabilidade na correção desses males; e, por último, a opinião pública deve forçar a reforma d o Estado e refrear as ambições dos políticos. Esse foi um pronunciamento solene nos primeiros anos do século XVII. Não é de se admirar que tenha custado a vida de Boccalini.

Johann Valentin Andreae, um teólogo luterano alemão do início do século XVII, foi o próximo a se juntar aos utópicos. É difícil definir o status de Andreae, mas acredita-se que ele tenha sido, pelo menos, o editor dos grandes *Manifestos* Rosacruzes e o autor do *Chemical Marriage of Christian Rosencreutz.* Portanto, podemos presumir com segurança que ele estava ligado a uma das grandes ordens da Busca.

A contribuição de Andreae para a literatura utópica é sua *Christianopolis,* ou a Cidade de Cristo. Essa obra, que é quase desconhecida dos leitores ingleses, foi amplamente desenvolvida a partir das ideias de Plotino. *Christianopolis* é Platonopolis, cristianizada. Seu autor era um estudioso tranquilo, com uma longa barba branca e um senso rigoroso de propriedade luterana. Sua *Christianopolis* é um monumento de moralidade e bom gosto, mas, por trás de sua ortodoxia rigorosa, Andreae era um homem de visão ampla. Sua cidade é governada por sábios e é enriquecida com todas as artes e ciências; não há pobreza. Os cidadãos são felizes porque cada um está realizando sua tarefa motivado por uma compreensão da dignidade da vida humana.

Em minha opinião, é a dignidade dos valores que faz de *Christianopolis* um grande livro. Para viver com sabedoria, os homens devem ter um senso de participação no bem presente e no bem futuro. Deve haver uma razão para viver. Deve haver um propósito compreensível para todos, vital e nobre o suficiente para ser objeto de uma consagração comum. Andreae nos diz repetidamente, nas pitorescas palavras de seu antigo livro: "Por falta de visão, o povo perece".

Restou ao mestre de todas as fábulas, Sir Francis Bacon, unir a visão das Utopias com suprema arte. É uma catástrofe filosófica o fato de a *Nova Atlântida* de Bacon ter ficado inacabada. Ou será que ficou inacabada? Há rumores de que o livro foi realmente concluído, mas nunca foi publicado em sua forma completa porque contava demais. Diz-se que as seções finais da fábula de Bacon revelaram todo o padrão das sociedades secretas que vinham trabalhando há milhares de anos para alcançar a comunidade ideal no mundo político.

Examinei dois manuscritos antigos relacionados a esse assunto e os considerei muito provocativos; mas talvez não seja tão importante discutir o que Lorde Bacon foi obrigado a ocultar, quando há tanta coisa digna de nossa consideração nas partes da obra realmente publicadas.

## 11 O OBJETIVO DA SOCIEDADE SECRETA

Uma referência a uma sociedade secreta na *Nova Atlântida* de Bacon é nada menos que uma proclamação da Sociedade dos Filósofos Desconhecidos, mas passou despercebida por trezentos anos.... Essa fábula é sobre a terra de Bensalem, que significa o Filho da Paz, que com sua mercadoria, a Luz da Verdade, mantinha um comércio com a Atlântida, que foi declarada como sendo a mesma
como a América  Tudo indica que era o sonho de Sir Francis Bacon
que a ampliação dos limites do império humano deveria ser instituída em nosso próprio continente, uma área peculiarmente reservada pela natureza para o aperfeiçoamento da filosofia e das ciências.

Os escritos de Sir Francis Bacon são geralmente agrupados em três categorias: profissional, literária e filosófica. Cada um desses grupos contém uma variedade de obras importantes. Mas a mente, o gosto e a convicção de Bacon são mais bem revelados em seus escritos filosóficos. Nesse grupo há obras que são estritamente filosóficas, outras que se aproximam das ciências e outras ainda que resumem convicções relacionadas a todos os ramos do conhecimento.

Possivelmente, a mais notável das contribuições éticas de Lord Bacon é o fragmento chamado *Nova Atlântida,* que forma uma espécie de glosa sobre sua principal produção filosófica, a *Instauratio Magna.* Para Bacon, a maior parte do aprendizado era a aplicação do conhecimento às necessidades do estado humano. Era natural que ele vislumbrasse os resultados caso seu sistema indutivo fosse aplicado de forma universal.

The *New Atlantis* foi publicado pela primeira vez em 1627, como uma espécie de apêndice do *Sylva Sylvarum,* uma história natural em dez séculos. Na página de rosto há um desenho curioso. Ele mostra a figura de uma antiga criatura que representa o Tempo tirando uma figura feminina de uma caverna escura. O significado é óbvio: Com o tempo, a verdade oculta será revelada. Essa figura é um dos mais famosos selos ou símbolos da Order of the Quest. Nela está contida toda a promessa da ressurreição do homem e a restituição da teologia divina.

The *New Atlantis* não foi publicado durante a vida registrada de Lord Bacon. Ela foi publicada no ano seguinte à sua morte pelo capelão de Sua Senhoria, William Rawley. Esse homem foi amigo íntimo e familiar de Bacon por muitos anos, e a maioria dos documentos de Bacon foi confiada aos cuidados de Rawley. Em sua admiração pelo caráter pessoal e pelos poderes filosóficos de Bacon, ele deixou expresso o desejo de ser enterrado aos pés de seu mestre, e seu desejo foi realizado.

Rawley escreve em sua introdução à obra de Bacon, The *New Atlantis:* "Essa fábula foi concebida por meu senhor com o objetivo de exibir nela um modelo ou descrição de um colégio, instituído para interpretar a natureza e produzir grandes e maravilhosas obras para o benefício dos homens, sob o nome de casa de Salomão ou colégio do trabalho de seis dias".

O colégio da obra dos seis dias é, obviamente, uma referência velada ao aperfeiçoamento da natureza por meio da arte. Os seis dias são os dias da criação pelos quais o mundo natural passou a existir, de acordo com o relato dado em Gênesis. Assim como Deus criou o Universo em seis dias simbólicos, o homem, por meio da arte - isto é, da filosofia - deve criar a condição de sua própria perfeição por meio de seis etapas filosóficas.

A faculdade é a escola secreta - a "casa" do homem sábio - onde são ensinadas todas as artes e ciências, e não de acordo com uma interpretação materialista, mas de acordo com uma compreensão divina das causas.

Rawley afirmou que a intenção de Sua Excelência era completar a fábula da *Nova Atlântida* com uma segunda parte, que contivesse as leis do Estado Ideal, ou comunidade dos sábios. Como era costume de Bacon preparar vários rascunhos de seus escritos no processo de aperfeiçoá-los, é provável que a segunda parte existisse pelo menos em linhas gerais; mas Rawley não teria achado apropriado publicar a parte que Sua Senhoria não havia aperfeiçoado em forma literária.

É bem conhecido entre as sociedades secretas da Europa que a segunda parte da *Nova Atlântida* existe. Ela inclui a descrição de uma grande sala na casa de Salomão, onde estão expostos os brasões e as armas dos governadores do império filosófico. Pode ser por esse motivo que os escritos foram suprimidos, pois esses brasões e armas pertenciam a pessoas reais que poderiam ter sido perseguidas, como aconteceu com Sir Walter Raleigh, se sua associação com a ordem secreta tivesse sido anunciada abertamente.

A fábula da *Nova Atlântida* começa com um navio que partiu do Peru em direção à China e ao Japão e foi desviado de seu curso por ventos contrários. Depois de muitos meses, os que estavam a bordo enfrentaram a morte por fome e doenças. Eles oraram a Deus pedindo ajuda, e suas preces foram atendidas; o navio finalmente chegou ao belo porto de uma grande cidade em uma terra desconhecida.

cidade em uma terra desconhecida. Lá, os marinheiros foram recebidos com hospitalidade e, após certas formalidades, tiveram permissão para desembarcar; e as maravilhas da cidade foram então reveladas a eles.

A página de rosto da obra-prima de Bacon, *Novum Organum,* apresenta um pequeno barco a vela entre duas colunas. Essas colunas são os pilares de Hércules, o Estreito de Gibraltar, que marcava o limite ocidental do mar. O pequeno navio é a ciência, saindo dos limites e fronteiras do velho mundo para o mar desconhecido do aprendizado universal. Não é esse o mesmo navio que finalmente chegou ao porto na Cidade dos Sábios?
?

A *Nova Atlântida* descreve a magnificência da faculdade do trabalho de seis dias. Ali os sábios viviam juntos em uma gentil comunidade de aprendizado. Um dos sábios faz a seguinte declaração em uma oração:

"Senhor Deus do Céu e da Terra; Tu concedeste Tua graça àqueles de nossa *Ordem,* para conhecerem Tuas obras de criação e os segredos d e l a s ; e para discernirem (no que diz respeito às gerações de homens) entre milagres divinos, obras da natureza, obras de arte e imposturas e ilusões de todos os tipos."

É difícil entender como essa referência a uma ordem secreta passou despercebida por tanto tempo, pois ela é nada menos que uma proclamação da Sociedade dos Filósofos Desconhecidos.

O nome da terra onde ficava a Cidade do Sábio era Bensalém, que significa Filho da Paz. Bensalém mantinha um comércio com todas as partes do mundo, mas não de ouro, prata, joias, sedas, especiarias ou qualquer outro bem material; sua mercadoria era a Luz da Verdade. Entre as nações com as quais o comércio era feito estava a Atlântida, que foi declarada como sendo o mesmo que a América.

O colégio da casa de Salomão tinha embaixadores, agentes e representantes em todas as nações do mundo, de modo que todas as descobertas nas artes e ciências pudessem ser conhecidas por ele. Em grandes bibliotecas, todos os registros úteis eram armazenados para o serviço de eras futuras.

O livro termina com uma longa palestra proferida por um dos Pais da casa de Salomão. Esse grande dignitário resumiu o trabalho da irmandade na seguinte declaração magnífica - que poderia muito bem ser inscrita sobre as portas do ensino e no coração de todos os estudiosos, cientistas e filósofos:

"O objetivo de nossa fundação é o conhecimento das causas e dos movimentos secretos das coisas; e a ampliação dos limites do império humano, para a realização de todas as coisas possíveis."

O pai dos sábios descreveu então os laboratórios, observatórios, minas e hospitais; e os vários motores e invenções pelos quais os elementos poderiam ser controlados e os segredos da natureza descobertos. Havia jardins para o estudo das plantas e parques repletos de pássaros e animais para que os homens pudessem investigar seus hábitos. Até mesmo répteis, insetos e peixes eram considerados e seus usos classificados.

Medicamentos de todos os tipos eram destilados e compostos, e as artes mecânicas eram aperfeiçoadas de acordo com as leis da natureza.

Havia casas em que os sentidos do homem eram estudados com o auxílio de perfumes, sabores, sons, música e dispositivos acústicos extraordinários.

E havia casas onde apenas os enganos eram registrados, para que os métodos pelos quais os homens podem ser enganados pudessem ser conhecidos e estudados.

Na cidade filosófica, todos os homens eram empregados de acordo com seus gostos e habilidades, e cada um contribuía, à sua maneira, para a soma de conhecimentos úteis. Havia museus onde invenções raras e excelentes eram preservadas, e galerias com estátuas de grandes homens que haviam contribuído para o aprimoramento da raça humana. Entre as estátuas, havia uma de Cristóvão Colombo e outra do homem que inventou o pão.

A narrativa termina abruptamente com a palavra do editor de que o restante não foi aperfeiçoado.

Está faltando a parte que deveria descrever as leis de uma comunidade filosófica. É seguro presumir que essas leis, assim como todo o padrão da história, eram as mesmas estabelecidas por Platão para o governo dos sábios.

Tudo indica que o sonho de Bacon era que a faculdade dos seis dias fosse erguida na América, uma área peculiarmente reservada pela natureza para o aperfeiçoamento da filosofia e das ciências.

Parte desse sonho foi realizado. Nesta terra estão os maiores laboratórios, observatórios e instituições de pesquisa que o mundo já conheceu. Estamos explorando os mistérios dos átomos e dos elétrons e trouxemos o fogo celestial, a eletricidade, para ser o servo de nossos propósitos.

Tudo o que resta é coroar a ciência com a filosofia. À medida que aperfeiçoarmos a parte interna do aprendizado, o império filosófico surgirá na sociedade humana.

# 12 CULTURA OCIDENTAL MIL ANOS ANTES DE COLOMBO

Na região mexicana, a civilização então existente era a mais avançada do mundo...
Os antigos maias tinham enormes edifícios públicos e observatórios em pelo menos cem cidades, que eram conectadas por amplas rodovias pavimentadas. Os governantes eram eleitos de comum acordo pelo povo.
comum do povo. Os maias detêm o recorde mundial de uma paz contínua de quinhentos anos;
Isso foi atribuído ao fato de não possuírem nenhum símbolo monetário ou moeda para troca de mercadorias.
Eles foram o primeiro Estado democrático em um continente reservado para o aperfeiçoamento do sonho da democracia.
... Muito antes da chegada do homem branco, o espírito de igualdade humana, cooperação humana e liberdade de culto havia florescido aqui.

Como os arqueólogos de hoje estudam continuamente as enormes ruínas da civilização maia, sabemos que essa antiga cultura do continente americano incluía pelo menos cem cidades conectadas por um intrincado padrão de amplas rodovias pavimentadas. Sua linguagem era adequada para a
expressão do conhecimento exato.

Nas selvas de Yucatan, Guatemala e Honduras estão as cidades em ruínas de uma civilização perdida que floresceu no continente norte-americano mil anos antes da viagem de Colombo.

Stuart Chase observou que, nos cinco séculos imediatamente posteriores ao início da era cristã, a civilização dos maias era a mais avançada existente na Terra.

Sabe-se muito pouco sobre os maias, sua origem, história, religião ou cultura, devido à destruição em massa dos escritos e registros históricos maias nos primeiros anos da conquista espanhola. Restam ruínas maciças de suas construções e grandes tábuas de pedra, mas elas estão em um idioma ainda não decifrado. Com base nas evidências físicas e nos vestígios materiais, sabemos que o império dos maias se estendia por uma área muito grande; havia pelo menos cem cidades, conectadas por um intrincado padrão de amplas estradas pavimentadas. A arte dos maias sobreviveu em quantidade suficiente para dar-lhes o direito de ocupar um lugar de destaque na esfera da estética criativa; e seus enormes edifícios de pedra e gesso provam que eles possuíam um conhecimento bem desenvolvido de arquitetura. Eles tinham observatórios para o estudo das artes e desenvolveram um calendário altamente preciso. Sua linguagem escrita, mais complicada do que a chinesa, é de um tipo adequado à expressão do conhecimento exato e dos mais refinados reflexos mentais e emocionais.

De acordo com suas próprias lendas, os maias devem sua superioridade cultural a um velho misterioso que saiu do mar montado em uma jangada de serpentes. Entre várias tribos, esse homem tem nomes diferentes, mas ele é mais conhecido pelo título que lhe foi conferido na região mexicana. Lá ele era chamado de Quetzalcoatl. Diz-se que ele veio do leste, da terra das rochas de muitas cores. Quetzalcoatl carregava consigo o símbolo da cruz. Seu nome significa "serpente emplumada" ou "serpente coberta com as plumas do pássaro Quetzal".

A Serpente Emplumada ensinou ao povo da América Central todas as artes úteis e o elevou de um estado primitivo para um estado de excelente civilização. Ele os instruiu em agricultura, arquitetura, medicina, ciência, idioma, religião e liderança. Tendo realizado a civilização das tribos indígenas, ele as governou por um tempo como um rei-sacerdote benevolente. Em seguida, retornou à costa do mar, chamou sua jangada de serpentes e flutuou para o leste, com a promessa de retornar em um dia distante para governar sua nação.

Quando Cortez chegou à costa do México, o rei asteca, Montezuma, enviou mensageiros do Estado levando consigo a coroa emplumada do México. O asteca, confiante, pensou que Cortez era Quetzalcoatl retornado e estava pronto para entregar o trono imediatamente!

O Império Maia foi a mais alta civilização a ser desenvolvida nas Américas. Além disso, foi o primeiro grande Estado democrático em um continente curiosamente reservado para o aperfeiçoamento do sonho da democracia.

Até onde sabemos, os governantes dos maias não eram hereditários, mas eleitos vitaliciamente pelo acordo comum do povo. Eles parecem ter governado com sabedoria e cumprido os requisitos clássicos dos reis-sacerdotes. O sacerdócio em si era poderoso, mas benevolente, dedicado ao aprendizado e patrono das artes e das ciências. A religião consistia em um monoteísmo, ou seja, a adoração de um Princípio Supremo que permanecia no sol.

Ao lado da Deidade, uma veneração peculiar era dada à Serpente Emplumada, que era considerada uma espécie de Messias, que sofreu, morreu e ressuscitou. A lenda de Quetzalcoatl estava, portanto, em paralelo com o mito do Deus moribundo, como no Egito, na Caldeia, na Grécia e como expresso pela Igreja Cristã primitiva.

Os maias não eram um povo guerreiro, e não há apoio para a crença popular de que eles eram cruéis ou bárbaros por natureza. Nos altares de seus deuses, ofereciam apenas flores e frutas; e foi somente após o declínio do império e sua dominação por tribos menos avançadas que o sacrifício humano passou a ser praticado, e apenas nas ocasiões mais raras.

Acredita-se que os maias detêm o recorde mundial de paz contínua. Eles floresceram como uma grande e poderosa nação por quinhentos anos sem guerras com outras tribos ou conflitos internos.

A alta civilização alcançada pelos maias deveu-se principalmente às leis dadas a eles por Quetzalcoatl. Enquanto obedeceram a essas leis, eles continuaram a prosperar. Infelizmente, não temos nenhum registro completo de seus códigos legais, mas conhecemos alguns dos princípios mais importantes que estão na raiz de seu Estado.

A nação maia era uma comunidade coletiva que vivia sob uma forma avançada de ordem socializada. Eles possuíam todos os bens em comum e compartilhavam igualmente os benefícios de sua produção. Eles não possuíam dinheiro ou qualquer tipo de símbolo monetário, e foi sugerido que essa falta de moeda era em parte responsável por seus quinhentos anos de paz.

Para eles, a roda era o símbolo da morte, e nunca desenvolveram qualquer forma de indústria mecanizada. Cada um doava uma parte de seus bens para manter o Estado, e essa contribuição era empregada na construção de prédios públicos, parques, escolas e locais de esporte público.

Parece não ter havido pobreza e pouco ou nenhum crime. Não foram encontrados edifícios que sugiram prisões ou outros locais de confinamento.

Os maias eram hospitaleiros, amáveis, gentis e trabalhadores; suas cidades eram belas em todos os aspectos; tinham espírito público, eram bem governados e, de acordo com a ordem de sua época, eram altamente educados.

O temperamento religioso do povo pode ser deduzido dos vestígios que ainda sobrevivem. É comum a todos os índios das Américas o fato de a intolerância religiosa estar totalmente além de sua compreensão. Eles consideram a religião de cada homem como sua própria crença particular e, se ela se adequar às suas necessidades, merece o respeito de todos os outros homens de mente correta.

Assim, vemos que o arquétipo de um modo de vida generoso e esclarecido faz parte da herança comum do continente americano.

É bom observar, de passagem, que muitas das virtudes mais simples praticadas pelos maias eram compartilhadas por outras tribos que habitavam as Américas do Norte e do Sul. Embora os índios norte-americanos nunca tenham alcançado a alta cultura alcançada pelos maias, todos viviam de acordo com uma tradição democrática. Os membros de todas as tribos cuidavam de seus idosos, sustentavam as viúvas e os órfãos e puniam severamente os raros casos em que algum membro da tribo tentava explorar outro. O governo tribal era investido em um conselho dos mais velhos e mais sábios, e todos os assuntos relacionados ao bem comum eram submetidos a eles para arbitragem e solução. O crime era quase desconhecido.

Como a maioria das tribos era nômade, elas tinham pouca oportunidade de desenvolver pontos de vista intertribais e, por isso, havia conflitos consideráveis entre as tribos, mas mesmo em suas guerras, os índios norte-americanos respeitavam o valor e desenvolviam o cavalheirismo em um grau acentuado.

A primeira Liga das Nações foi criada entre os índios dos Grandes Lagos do nordeste americano. Primeiro, cinco tribos e, mais tarde, sete, se uniram sob a liderança do brilhante líder indígena, Great Rabbit, cuja vida chegou até nós no poema de Longfellow, *Hiawatha.* A liga das sete nações foi originalmente planejada para ser defensiva, mas também útil na resolução de disputas intertribais. Ela resultou da simples descoberta, pelas mentes aborígenes, de que se vivia mais tempo, com mais segurança e mais felicidade se as disputas entre os povos fossem resolvidas por meio de arbitragem em vez de conflito aberto.

Os incas do Peru são os segundos depois dos maias na construção do império na América. As comunidades incas também eram cooperativas, e muitas dessas aldeias ainda sobrevivem nas terras altas distantes e menos acessíveis dos Andes. Essas foram as únicas comunidades civilizadas em nosso país que nunca souberam que houve uma depressão mundial a partir de 1929.

Com raízes no continente americano, há uma longa e distinta tradição que aponta para a capacidade de liderança no mundo pós-guerra, de acordo com as linhas de cooperação e o ponto de vista internacional.

A democracia estabelecida pelas treze colônias em 1776 não foi a primeira democracia americana. Pelo menos dois mil anos antes da chegada do homem branco, o espírito de igualdade humana, cooperação humana e liberdade de culto floresceu aqui.

## 13 A SOCIEDADE SECRETA DE BACON É CRIADA NA AMÉRICA

Homens ligados por um juramento secreto de trabalhar pela causa da democracia mundial decidiram que, nas colônias americanas, plantariam as raízes de um novo modo de vida. Irmandades foram estabelecidas para se reunirem secretamente e, de forma silenciosa e diligente, condicionaram a América ao seu destino de liderança em um mundo livre Benjamin Franklin exerceu uma enorme influência psicológica na política colonial como porta-voz nomeado dos filósofos desconhecidos; ele não fez leis, mas suas palavras se tornaram leis.

A colonização do Hemisfério Ocidental foi amplamente motivada pelo desejo de saquear os fabulosos tesouros do novo mundo. Os exploradores, guiados por lendas sobre tesouros de ouro e prata e palácios incrustados de joias, formaram expedições, muitas vezes financiadas com seus próprios recursos, mas às vezes subsidiadas pelo Estado. Os espanhóis foram os mais bem-sucedidos em sua busca por riquezas; a maioria dos outros aventureiros lucrou pouco e sofreu muito; e logo ficou evidente que somente por meio de uma colonização sóbria seria possível obter alguma recompensa considerável no novo mundo.

Para a promulgação da fé cristã, o Hemisfério Ocidental oferecia um território virgem. Com os conquistadores, vieram os sacerdotes, ansiosos para converter tribos e nações pagãs à fé do velho mundo. Uma santa inquisição foi estabelecida na Nova Espanha, e dezenas de milhares de índios foram torturados e mortos para o bem de suas almas imortais. Foi devido ao zelo dos padres que as bibliotecas dos maias foram queimadas e seus registros históricos destruídos.

Até hoje, existe em Mérida, na península de Yucatán, a casa do conquistador Montejo. Sobre a porta dessa casa estão as armas heráldicas desse aventureiro espanhol. O escudo e o brasão são sustentados por soldados espanhóis que estão sobre as cabeças de índios maias torturados e escravizados.

Relatos razoavelmente precisos sobre as vantagens e os recursos naturais das Américas foram, com o tempo, trazidos pelos exploradores e aventureiros que desbravaram os novos territórios do Ocidente, e só então as nações europeias passaram a considerar seriamente o desenvolvimento real de seus impérios coloniais recém-adquiridos. Os franceses, os holandeses e os ingleses iniciaram programas de estabelecimento de colônias permanentes ao longo da costa do Atlântico. O programa inglês estava sob a direção de Sir Francis Bacon, e foi seu gênio que deu propósito ao empreendimento.

Bacon percebeu rapidamente que aqui, no novo mundo, havia o ambiente adequado para a realização de seu grande sonho, o estabelecimento do império filosófico. Deve-se lembrar que Bacon não atuou sozinho; ele era o líder de uma sociedade secreta que incluía em seus membros os mais brilhantes intelectuais de sua época. Todos esses homens estavam unidos por um juramento comum de trabalhar pela causa de uma democracia mundial.
A sociedade dos filósofos desconhecidos de Bacon incluía homens de alto escalão e ampla influência. Junto com Bacon, eles planejaram o esquema de colonização.

Por meio de canais secretos, foi divulgada a notícia de que aqui, no Hemisfério Ocidental, estava a terra prometida do futuro. Ali, homens com propósitos corretos poderiam construir um novo modo de vida, livre da intolerância religiosa e do despotismo político que prendiam a Europa em suas garras.

Os livros de história nos contam que os colonizadores fizeram a longa e perigosa jornada em pequenos navios para encontrar um lugar onde pudessem adorar a Deus, cada um de acordo com os ditames de sua própria consciência. No entanto, há muito mais na história do que nossos historiadores ousaram sugerir.

Entre os colonizadores, havia alguns que pertenciam à Ordem da Busca, mas não demorou muito para que conflitos religiosos eclodissem nas colônias, pois os homens não mudam sua natureza simplesmente mudando seu local de moradia. Grande parte da intolerância do velho mundo passou a atormentar os primórdios da nova civilização. Não foi fácil preservar os princípios elevados em um país pioneiro. Muito teve de ser feito antes que o império filosófico pudesse emergir da simples luta pela existência. E ainda há muito a ser feito; ainda somos pioneiros na esfera do pensamento e da vida corretos.

A sociedade secreta de Bacon foi criada na América antes da metade do século XVII. O próprio Bacon havia perdido toda a esperança de realizar seu sonho em seu próprio país e concentrou sua atenção em enraizá-lo no novo mundo. Ele se certificou de que os colonos americanos fossem completamente doutrinados com os princípios de tolerância religiosa, democracia política e igualdade social. Por meio de representantes cuidadosamente nomeados

representantes cuidadosamente nomeados, o mecanismo da democracia foi estabelecido pelo menos cem anos antes do período da Guerra Revolucionária.

O número de membros da sociedade secreta de Bacon não se limitava à Inglaterra; ela era mais poderosa na Alemanha, na França e na Holanda, e a maioria dos líderes do pensamento europeu estava envolvida no vasto padrão de seu propósito. O império místico dos sábios não tinha fronteiras nacionais e seus cidadãos eram formados por homens de bons propósitos em todos os países. Os alquimistas, cabalistas, místicos e rosacruzes foram os instrumentos incisivos do plano de Bacon. Representantes desses grupos migraram para as colônias logo no início e e s t a b e l e c e r a m suas organizações em locais adequados.

Um exemplo indicará a tendência. Por volta de 1690, o teólogo pietista alemão, Magistar Johannes Kelpius, partiu para a América com um grupo de seguidores que praticavam ritos místicos e esotéricos. Os pietistas se estabeleceram na Pensilvânia e seus descendentes ainda prosperam no condado de Lancaster. Durante alguns anos, Kelpius viveu como anacoreta em uma caverna localizada no que hoje é o Fairmount Park, na Filadélfia. Os pietistas trouxeram consigo os escritos do místico alemão Jacob Boehme, livros sobre magia, astrologia, alquimia e cabala. Eles tinham manuscritos curiosos iluminados com desenhos estranhos, e seu texto principal chamava-se *"An ABC Book for Young Students Studying in the College of the Holy Ghost".* Os pietistas trouxeram a Ordem da Semente de Mostarda e a Ordem da Mulher no Deserto para o novo mundo.

Kelpius era um homem de saúde frágil e, após alguns anos, morreu devido às dificuldades e à exposição de sua austeridade religiosa. O círculo interno de sua ordem era composto inteiramente de celibatários e, quando esses morreram, não havia ninguém para ocupar seus lugares; e, até onde o público sabe, sua sociedade secreta não sobreviveu. Na verdade, ela continuou, mas, com a mudança dos tempos, retornou novamente às suas fundações secretas, desaparecendo completamente da vista do público.

Os primeiros anos do século XVIII trouxeram consigo muitas mudanças na vida social e política das colônias americanas. Nessa época, a maior parte da costa do Atlântico era dominada pelos ingleses. Cidades haviam surgido, um comércio importante florescia com a pátria-mãe e a atmosfera colonial era, em pequena parte, semelhante à do interior da Inglaterra.

Nessa época, a maioria das sociedades secretas importantes da Europa estava bem representada no país. As irmandades se reuniam em seus quartos em pousadas e edifícios públicos semelhantes, praticando seus antigos rituais exatamente de acordo com a moda na Europa e na Inglaterra. Essas organizações americanas eram filiais sob a soberania europeia, com os membros dos dois hemisférios unidos pelos mais fortes laços de simpatia e compreensão. O programa que Bacon havia delineado estava funcionando de acordo com o cronograma. De forma silenciosa e diligente, os Estados Unidos estavam sendo condicionados ao seu destino - a liderança em um mundo livre.

Qualquer relato sobre sociedades secretas nos Estados Unidos teria de incluir um tributo ao homem que foi chamado de "Primeiro Cavalheiro Americano" - Benjamin Franklin. Embora o Dr. Franklin nunca tenha sido o presidente do país, nem um general militar, ele se destaca como uma das figuras mais importantes na luta pela independência americana. Calmo, digno, erudito e gentil, Franklin previu um novo objetivo para um mundo em constante mudança por meio dos óculos quadrados bi-focais dos quais foi o inventor.

Os historiadores nunca deixaram de se maravilhar com a enorme influência psicológica que Franklin exerceu na política colonial. Mas, até hoje, poucos são aqueles que perceberam que a fonte de seu poder estava nas sociedades secretas às quais ele pertencia e das quais era o porta-voz designado.
Franklin não era um legislador, mas suas palavras se tornaram lei. Por trás da sabedoria caseira que ele divulgava em seu Almanaque, sob o pseudônimo de Poor Richard, havia uma profundidade de aprendizado científico e filosófico. Ele compreendia tanto o agricultor quanto o filósofo e falava as línguas de ambos.

Quando Benjamin Franklin foi à França para ser homenageado pelo Estado, ele também foi recebido pela Loja da Perfeição, a mais famosa de todas as ordens secretas francesas; e seu nome, escrito com sua própria mão, está em seu livro de registros, próximo ao do Marquês de Lafayette.

Franklin falava em nome da Ordem da Busca, e a maioria dos homens que trabalharam com ele nos primeiros dias da Revolução Americana também eram membros. O plano estava dando certo, a Nova Atlântida estava surgindo, de acordo com o programa estabelecido por Francis Bacon cento e cinquenta anos antes.

O surgimento da democracia americana era necessário para um programa mundial. Na hora marcada, a liberdade do homem foi declarada publicamente.

## 14 UMA PROFECIA ESCRITA NO ANO DO NASCIMENTO DE WASHINGTON

Sir William Hope observou o nascimento no exterior de uma criança marcada pelo destino para governar tanto homens livres quanto escravos e nomeou o ano da Declaração de Independência dos Estados Unidos quarenta e quatro anos antes de sua assinatura.
ela ter sido assinada. Ele forneceu, em forma cabalística, o nome do líder patriota e os anos de sua vida. ... A profecia também destacou Abraham Lincoln e designou o mandato de Benjamin Harrison como aquele que marcaria o primeiro século do progresso da nova nação .......É uma suposição razoável que a profecia de Hope é um exemplo genuíno de conhecimento prévio do destino dos Estados Unidos.

George Washington tinha acabado de nascer quando o governador do Castelo de Edinburg escreveu uma profecia de que esse infante bom no exterior foi escolhido pelo destino para liderar as colônias à liberdade; essa previsão também indicou, com quatro décadas de antecedência, o ano da Declaração de Independência

Na Biblioteca do Congresso em Washington, D.C., há um pequeno e curioso livro intitulado *Vindication of the True Art of Self Defense (Vindicação da verdadeira arte da autodefesa).* Trata-se de uma obra sobre esgrima e duelo, publicada em 1724 por Sir William Hope, Bart, vice-governador do Castelo de Edimburgo. Neste exemplar, em frente à página de rosto, foi inserida uma gravura do distintivo da Royal Society of Swordsmen; abaixo dela está escrito "Private Library of Sir William Hope". A Biblioteca do Congresso possui esse livro desde 1879.

O texto desse pequeno e curioso livro não tem nenhum interesse especial, mas nas folhas em branco está escrita, pela mão de Sir William Hope, uma previsão extraordinária sobre o destino dos Estados Unidos da América. Ela foi escrita, assinada e datada quarenta e quatro anos antes do início da Guerra Revolucionária.

Naquela época, as treze colônias americanas aparentemente não sonhavam com a independência. George Washington tinha acabado de ser bombardeado, na Virgínia. Vinte dos cinquenta e seis homens que assinariam a Declaração de Independência eram garotos na época, e outros dezoito ainda não haviam nascido.

Há poucas informações disponíveis sobre Sir William Hope, mas, pelo texto de sua previsão, parece que ele se dedicava ao estudo da astrologia e baseou seu estranho poema profético em uma interpretação das influências estelares. Há também um indício da Cabala na maneira usada por Hope para indicar os homens mencionados em sua previsão.

A profecia de Sir William Hope começa com estas linhas:

O Caldeu diz que seu destino é
grande, cujas estrelas o trazem
afortunado.
Sobre seu destino próximo,
Amerika, li uma profecia
nas estrelas:

Quatorze divididos, doze iguais,
Dezesseis ao meio - cada um tem um
nome; Quatro, oito, sete, seis - mais dez
- A marca da linha da vida de quatro
grandes homens.

De acordo com o texto, a profecia abrange o período de 1732 a 1901. Da história de nosso país durante esse período, Hope selecionou quatro homens, e os números que ele usou para indicá-los são mostrados à medida que a profecia se desenrola. Ele resume a vida desses quatro homens totalizando o número de anos que cada um viveu. Ele faz isso na linha, *Four, eight, seven, six-added ten-'* Quatro mais oito, mais sete, mais seis, igual a 25, o dez adicionado é a cifra, perfazendo um total de 250. Na época de sua morte, George Washington tinha 68 anos, Abraham Lincoln 56, Benjamin Harrison 68 e William McKinley 58. O total desses anos é 250.

As próximas doze linhas são dedicadas a uma descrição de George Washington e da luta das colônias americanas pela independência.

Este dia é embalado, muito além do mar,
Um protagonista do destino para
governar tanto os escravos quanto os
livres.

A profecia é datada de 1732 e, naquele ano, George Washington nasceu além-mar, na Virgínia.
Acredita-se que a referência a escravos e livres indica que a escravidão existiria durante o tempo de Washington na colônia da Virgínia.

Adicione o dobro de quatro, assim fixará o dia
destinado Quando os joelhos servis se
d o b r a r e m sob a

freedom's sway.

Com o dobro de quatro, podemos ler 44, que, se somado à data de 1732, dá 1776, o ano da Declaração de Independência Americana.

Coloque seis antes de dez e leia o nome do
patriota cujos feitos o ligarão a uma fama imortal.
Adicione o dobro de quatro, fixando assim o dia destinado

Há seis letras no nome George e dez em Washington, e essa Cabala, quando somada às descrições anteriores e posteriores, não deixa dúvidas quanto ao homem pretendido na profecia.

Cujo amor crescente e confiança incessante não enganam
ninguém e capturam as cores da verdade de seu sol
brilhante!
A porta da morte deve bater enquanto seu século ainda
espera, Seus planetas apontam o caminho para os
destinos pendentes de outros.

Esses versos contêm não apenas um tributo brilhante, mas também uma parte exata da profecia. Washington morreu em 14 de dezembro de 1799, apenas 17 dias antes de seu século entrar para a história.

Até que todos os nomes no pergaminho da liberdade
desapareçam, Dois túmulos sejam construídos, seu
cenotáfio elevado seja feito

O pergaminho da liberdade é a Declaração de Independência, que agora está cuidadosamente preservada sob celofane amarelo porque as assinaturas começaram a desbotar. O corpo de George Washington repousou em dois túmulos; e seu cenotáfio elevado, o Monumento a Washington, tem 555 pés de altura, o mais alto memorial já construído em memória de um homem.

Seis vezes dez, os anos devem deslizar para a frente, a
natureza sua potente ajuda, um guia constante e
prudente.

Se seis vezes dez anos, ou sessenta anos, forem adicionados à data da morte de Washington, o resultado será 1859, quando John Brown invadiu Harper's Ferry e foi enforcado por tentar incitar uma revolta de escravos, uma circunstância que levou diretamente os Estados Unidos da América a se envolverem na grande Guerra Civil para preservar a liberdade de todo o seu povo.

Então, o fatídico sete e sete assinará o filho heroico que
Marte e Júpiter derrubarão antes que seu trabalho seja concluído.
Quando o destino cruel o perfurar, embora sem arte de sua
espada; que deixa o palco sombrio da vida sem uma palavra
de despedida.
Uma estrela de brilho suave, meio encoberta pela nuvem
vermelha de Marte A virtude, seu manto mais nobre,
formará uma mortalha adequada.

Há sete letras em Abraham e sete letras em Lincoln. Ele é o "filho heroico" eleito para a Presidência em 1860, reeleito em 1864 e assassinado em 14 de abril de 1865. De fato, ele foi derrubado antes de terminar seu trabalho, pois a escravidão não foi abolida por emenda constitucional até o final daquele ano, e a Guerra Civil não foi proclamada como terminada até 20 de agosto de 1866.

A referência ao palco sombrio da vida é ainda mais extraordinária porque Lincoln foi assassinado no Ford's Theater enquanto assistia a uma peça; e ele nunca mais falou depois que a bala do assassino o atingiu, embora tenha vivido por várias horas.

As referências ao Presidente Benjamin Harrison estão contidas nas duas linhas seguintes:

Then eight 'fore eight a later generation rules, With
light undimmed and shed in progress' school.

Há oito letras em Benjamin e oito em Harrison. Ele governou em uma geração posterior, de 1889 a 1893. Seu governo foi justamente coroado pela grande Exposição Colombiana em Chicago, em 1893. Nela, invenção, transporte, indústria, arte, ciência e agricultura exibiram o progresso que haviam feito no primeiro século da existência nacional americana. Essa é provavelmente a "escola do progresso" mencionada na previsão. A administração de Harrison não foi ofuscada pela guerra nem por escândalos em altos cargos.

Então, seis novamente, com mais seis se erguerão,
Governante resplandecente - bom, grande e sábio.
Quatro seis guardam uma estrela cintilante que brilhará em seu
caminho; E duas vezes quatro seis marcam seus anos desde o
nascimento até o auge da idade adulta.

Embora os versos descrevam com precisão o Presidente McKinley, esse é o único caso em que os números não parecem se adequar ao nome. Pesquisas, no entanto, indicam que a forma original do sobrenome permitiria que ele fosse dividido, ou seja, Will-Mc Kinley, que significa Will, o filho de Kinley. Nessa forma, cada uma das combinações conteria seis letras. Quatro seis, ou 24, concorda com o fato de o presidente McKinley ter sido o 24º homem a ocupar o cargo presidencial. E duas vezes quatro seis, ou 48, era a idade de McKinley na época em que foi eleito governador de seu estado natal, o que pode ser considerado seu "auge da virilidade". Não há referência ao segundo mandato de McKinley ou ao seu assassinato. Mas a profecia afirma definitivamente que não vai além do

final do século 79. No entanto, ela indica anteriormente que a vida de McKinley seria de 58 anos, o que estava correto.

A profecia termina com mais quatro linhas:

Essas verdades proféticas serão concluídas
Antes que a sepultura profunda do tempo receba o século XIX!
Todos os planetas, estrelas, doze signos e horóscopo
atestam essas verdades preditas por William Hope.

Em seguida, há a declaração de que a profecia foi "escrita em Comhill, Londres, 1732". Na parte inferior da página há outras quatro linhas escritas por algum membro posterior da família Hope como um tributo à memória de Sir William Hope:

A mão erudita que escreveu estas linhas
não mais escreverá para mim,
No entanto, a voz falará e o pulso pulsará para uma longa posteridade.
Esta alma refinada pelo amor à bondade lamentou os trabalhos da vida,
depois encontrou esta verdade, sua busca desde a juventude: A grandeza é um acidente de Deus.
James Hope

Como é comum em materiais desse tipo, foram feitos esforços para provar que a Profecia Hope é uma falsificação, mas até o presente momento nenhuma evidência tangível foi apresentada para refutar a previsão. Sempre nessas questões, o crítico assume a atitude de que tais previsões não podem ser feitas e, se um escrito parece ser autêntico, então deve ser uma impostura. O livro está na Biblioteca do Congresso há mais de 60 anos. As previsões sobre Harrison e McKinley estão relacionadas a incidentes que ocorreram depois que o livro foi colocado na Biblioteca do Congresso.

Em fac-símile, uma das duas páginas da profecia original é ilustrada aqui; ambas têm toda a aparência de serem genuínas e autênticas.

É muito razoável supor que a profecia de Hope seja um exemplo genuíno de previsão com relação ao futuro dos Estados Unidos da América.

## 15 O HOMEM DESCONHECIDO QUE DESENHOU NOSSA BANDEIRA

Nossa bandeira foi elaborada com elementos de design que previam modificações graduais no futuro, à medida que o destino nacional crescesse. Foi um desconhecido instruído,
adicionado por um aparente acidente ao comitê nomeado pelo Congresso Colonial em 1775, que teve a visão de fornecer a área para as estrelas em substituição posterior à Union Jack britânica. O desenho foi adotado
pelo General Washington; não há registro de que o comitê tenha apresentado um relatório ao Congresso. ...
De acordo com as regras estabelecidas por Francis Bacon para obras publicadas sob a autoridade da sociedade de filósofos desconhecidos, cada livro deve ser tão marcante a ponto de ser facilmente reconhecível. O livro que fala da presença do designer desconhecido termina com uma citação de Bacon.

RoBerT Allen Campbell, em 1890, publicou um pequeno livro *Our Flag, or The Evolution of the Stars and Stripes (Nossa bandeira ou a evolução das estrelas e listras).* Uma pesquisa diligente não conseguiu descobrir nenhum dado sobre o Sr. Campbell. Ele afirma em seu prefácio que a obra é "uma compilação de fatos e datas de fontes oficiais, obras maiores, panfletos ocasionais e discursos sobre este e outros assuntos; e destina-se, portanto, à leitura daqueles que não têm tempo, oportunidade ou disposição para um estudo mais extenso nesta linha de pesquisa".

Em seguida, ele se refere especificamente ao capítulo de interesse para nossa análise atual: "A parte deste esboço que trata dos procedimentos do Comitê do Congresso em relação à bandeira colonial e das considerações não oficiais de alguns de nossos estadistas e heróis revolucionários sobre a bandeira dos 'Treze Estados Unidos', imediatamente antes de sua adoção pelo Congresso, não foi publicada até agora."

Essa última declaração torna extremamente difícil rastrear a fonte de informação do Sr. Campbell. Somos forçados a concluir que a história deve ter sido passada a ele de boca em boca.

O livro em si deve ter sido impresso em uma edição muito pequena, pois se tornou extremamente escasso e raramente ou nunca é colocado à venda. Nas raras ocasiões em que as cópias mudaram de mãos, o livro tem um preço muito superior ao de obras comuns nesse campo.

De acordo com as regras estabelecidas por Sir Francis Bacon para as obras publicadas sob a autoridade da sociedade de filósofos desconhecidos, cada livro deve ser marcado de alguma forma peculiar, facilmente reconhecível pelos informados, mas não visível para aqueles que não fazem parte do plano. Todos os escritos mais antigos são marcados dessa forma, seja com cifras, cabeçalhos curiosos, vinhetas, colofões, desenhos, símbolos, figuras ou assinaturas. É possível que o livro Our Flag tenha essa assinatura, pois ele termina com a seguinte citação: "De monumentos, nomes, palavras, provérbios, registros e evidências particulares, fragmentos de histórias, passagens de livros e coisas do gênero, salvamos e recuperamos algo do dilúvio do tempo". -Bacon.

Uma coisa é certa: Robert Allen Campbell concluiu seu tratado com uma passagem curiosamente significativa dos escritos do homem responsável pelo amplo programa de colonização do mundo ocidental que possibilitou a criação dos Estados Unidos da América. A seleção das palavras de Bacon para concluir o livro pode ser acidental ou intencional; mas, à luz do texto e do ar de mistério que cobre a história da escrita e da vida do autor, parece mais do que possível que a intenção seja a resposta.

O capítulo 2 de *Our Flag* é intitulado "The Colonial Flag" (A bandeira colonial):

No outono de 1775, o Congresso Colonial, em sessão na Filadélfia, nomeou os Srs. Franklin, Lynch e Harrison como um comitê para considerar e recomendar um desenho para uma bandeira colonial. O General Washington estava acampado em Cambridge, Massachusetts, e o comitê foi até lá para consultá-lo.

Enquanto estavam em Cambridge, os membros do comitê foram recebidos por um cidadão patriota e abastado. Naquela época, o melhor quarto da residência desse senhor estava temporariamente ocupado por um senhor idoso peculiar. Como havia apenas mais um quarto de hóspedes, os Srs. Lynch e Harrison ficaram com o quarto desocupado, e o Dr. Franklin dividiu o apartamento com o senhor idoso.

Nada se sabe sobre o misterioso senhor idoso, exceto que ele era chamado de "Professor"; seu nome não foi preservado. Ele tinha mais de setenta anos de idade, mas aparentemente estava no auge de sua vida. Ele não comia carne, peixe, aves ou qualquer coisa verde, e não bebia bebidas alcoólicas, vinho ou cerveja. Sua dieta consistia em cereais, frutas bem maduras, nozes, chá e doces como mel e melaço. Ele era bem educado, altamente culto, com informações extensas e variadas, e muito estudioso. Passava a maior parte de seu tempo refletindo sobre livros raros e

livros raros e manuscritos antigos, que ele parecia estar decifrando, traduzindo ou reescrevendo. Ele os mantinha cuidadosamente trancados em um pesado baú de ferro e nunca os mostrava a ninguém.

Ele era liberal, mas de forma alguma pródigo com seu dinheiro, mas era bem suprido com tudo o que precisava. O professor era um firme defensor da democracia e sua declaração favorita era: "Não exigimos mais do que o que nos é devido; não aceitaremos e ficaremos satisfeitos com nada menos do que exigimos".

Na véspera de sua chegada, em 13 de dezembro, os membros do comitê jantaram com o anfitrião e a anfitriã, além do General Washington e do Professor. O Professor foi apresentado aos visitantes sem que seu nome fosse dito, e sua facilidade, graça e dignidade durante a apresentação são especialmente notadas. Quando Benjamin Franklin foi apresentado, ele deu um passo à frente e estendeu a mão, que o Professor aceitou de bom grado. Quando seus olhos se encontraram, houve um reconhecimento instantâneo, muito aparente e mutuamente gratificante.

Após o jantar, Washington e os membros do comitê trocaram algumas palavras em voz baixa e, em seguida, o Dr. Franklin se levantou, dizendo, em essência: "Como presidente deste comitê, falando em nome de meus associados, com o consentimento deles e com a aprovação do General Washington, convido respeitosamente o professor a se reunir com o comitê como um de seus membros; e cada um de nós, pessoal e urgentemente, solicita que ele aceite a responsabilidade e nos dê, e às colônias americanas, o benefício de sua presença e de seus conselhos".

Depois de aceitar graciosamente o convite, o professor fez sua primeira recomendação. Ele ressaltou que o Comitê agora era composto por seis pessoas, sendo o General Washington e o anfitrião membros honorários. Seis não era um número auspicioso e, como nenhum dos membros poderia ser poupado, a anfitriã deveria ser incluída para que o número pudesse ser aumentado para sete. Essa sugestão foi aceita por unanimidade e a anfitriã tornou-se a secretária do comitê.

O comitê se reuniu na noite seguinte na sala do professor. O General Washington abriu os trabalhos pedindo ao Dr. Franklin que fizesse suas recomendações. Franklin respondeu solicitando que todo o comitê ouvisse as palavras de seu novo e muito honrado amigo, o Professor, que tinha sugestões definidas a fazer.

Após um preâmbulo, o professor fez as seguintes observações extraordinárias:

"O sol de nosso ar político, como o sol nos céus, está muito baixo no horizonte - agora mesmo se aproximando do solstício de inverno, que atingirá muito em breve. Mas, assim como o sol se ergue de seu túmulo em Capricórnio, sobe em direção à sua ressurreição em Áries e segue em frente e para cima até sua gloriosa culminação em Câncer, nosso sol político também se erguerá e continuará a crescer em poder, luz e glória; E o exaltado sol do verão não terá conquistado sua força total de calor e poder no Leão estrelado até que nosso Sol Colonial esteja, em sua gloriosa exaltação, exigindo um lugar nos firmamentos governamentais ao lado de qualquer outro sol de qualquer outra nação na Terra, coordenado com ele e de forma alguma subordinado a ele."

O professor prosseguiu salientando que a bandeira que ele recomendou estaria sujeita a mudanças no futuro, à medida que o destino nacional aumentasse. Essa mudança, no entanto, não deveria exigir uma reformulação completa, mas um processo de modificação gradual: "Para que ela anuncie e represente a nova nação que já está em gestação no ventre do tempo; e que virá a nascer - e não prematuramente, mas totalmente desenvolvida e pronta para a mudança para uma vida independente - antes que o sol, em sua força do próximo verão, amadureça nossa próxima colheita."

O desenho finalmente apresentado consistia em um campo de treze listras vermelhas e brancas alternadas, e na área que agora contém as estrelas estava a Union Jack britânica. A área que continha a Union Jack era a que poderia ser modificada. O desenho foi formal e unanimemente aceito, e a bandeira foi adotada pelo General Washington como o padrão reconhecido do Exército e da Marinha Coloniais. Não há registro de nenhum relatório feito por esse comitê ao Congresso.

Em 2 de janeiro de 1776, em Cambridge, na presença do Exército, o General Washington, com suas próprias mãos, hasteou a bandeira recém-fabricada em um mastro de liberdade de pinheiro alto e especialmente preparado. O exército britânico em Charleston Heights podia ver a bandeira claramente. Depois de inspecioná-la com seus óculos de campo, os oficiais britânicos ordenaram uma salva de treze vivas, seguida de uma salva oficial regular de treze canhões em homenagem ao novo estandarte. Parece, portanto, que a bandeira colonial agradou tanto aos britânicos quanto às colônias.

É fácil ver por que a história do Sr. Campbell recebeu muito pouco reconhecimento registrado. Ela pertence àqueles acontecimentos sombrios e misteriosos que influenciam ou mudam o curso do império, mas que sempre serão pouco apreciados por historiadores prosaicos e sem imaginação.

## 16 THOMAS PAINE E OS DIREITOS DO HOMEM

A cruzada de Tom Paine definitivamente promoveu para os americanos aquele destino secreto pelo qual todas as pessoas devem ser livres e iguais. Há pouca dúvida de que ele ajudou Jefferson a escrever a Declaração de Independência Paine enfatizou a necessidade de separar as esferas da Igreja e do Estado no governo, pregava a tolerância religiosa em uma época em que o espírito de perseguição ainda era forte, atacava os privilégios especiais da aristocracia e da sociedade.
da aristocracia ............Somente com milhares de anos de condicionamento a humanidade pode a humanidade poderia ser levada ao estado perfeccionista imaginado por esse patriota americano.

Sobre Thomas Paine, foi dito que ele fez mais para conquistar a independência das colônias com sua caneta do que George Washington fez com sua espada. Somente uma reorganização completa do governo, da religião e da educação nos levaria, ainda hoje, ao estado perfeccionista imaginado por Tom Paine

O tempestuoso petrel dos dias revolucionários na América e na França foi Thomas Paine. Filho de um quaker trabalhador que ganhava a vida cortando aduelas de barris, a educação formal do jovem Thomas terminou na escola primária; ele exerceu o ofício do pai por algum tempo antes de se dedicar à política e aos problemas sociais de sua época. Benjamin Franklin inspirou Thomas Paine a se tornar um defensor dos direitos humanos. O primeiro encontro entre eles ocorreu na Inglaterra e, por sugestão de Franklin, Paine veio para a América e entrou para o ramo editorial. Bom inglês, ele se tornou um campeão extraordinário na causa da liberdade para as colônias. Seus escritos acenderam tanto a chama do patriotismo que foi dito que ele fez mais para conquistar a independência das colônias com sua pena do que George Washington com sua espada.

Há pouca dúvida de que Thomas Paine ajudou Jefferson a escrever a Declaração de Independência. Pesquisas atuais apontam até mesmo para a probabilidade de que ele tenha redigido todo o documento e depois o tenha enviado a Jefferson para edição e revisão. As referências na Declaração de Independência às "Leis da Natureza" e ao "Deus da Natureza" refletem especialmente as convicções teológicas de Paine.

Paine ocupou vários cargos no governo continental durante o período da Guerra Revolucionária e, em 1789, retornou à Europa. Três anos depois, publicou seu livro *Rights of Man (Direitos do Homem).* Embora as verdades contidas no ensaio nunca tenham sido contestadas com sucesso, o livro causou repercussões que o forçaram a deixar a Inglaterra para escapar do julgamento por traição. Ele buscou refúgio na França. Quase imediatamente, envolveu-se na Revolução Francesa como um firme defensor do partido revolucionário. Ele defendeu corajosamente o banimento perpétuo de Luís XVI, mas se opôs à execução do rei. Suas visões tolerantes sobre esse assunto devem ter alienado os terroristas, pois Robespierre fez com que ele fosse preso sob pena de morte pela guilhotina. Foi pouco antes dessa prisão que ele publicou a primeira parte de seu livro imortal, *Age of Reason, e* escreveu a segunda parte durante os dez meses de seu encarceramento.

Paine escapou da morte na França por uma dessas circunstâncias imprevistas que tantas vezes mudaram o curso da história. Robespierre caiu do poder. Seus sucessores devolveram a Paine seu lugar na convenção revolucionária.

Quando as coisas na França se estabilizaram no processo sóbrio de estabelecer um governo permanente, Paine voltou sua atenção para George Washington, a quem atacou amargamente, perdendo assim grande parte de sua popularidade na América.

Paine retornou aos Estados Unidos em 1802 e seus últimos anos foram relativamente tranquilos. Ele morreu em 1809. Dez anos depois, seu corpo foi enviado de volta à Inglaterra para ser enterrado novamente em sua terra natal.

Thomas Paine era um pensador livre, um panfletário radical. Teve o infortúnio de ser "bom fora do tempo". No entanto, com seu nascimento e a energia de sua natureza, ele ajudou a mudar a face do tempo. Ele atacou a corrupção do governo britânico com tanta honestidade e habilidade que se tornou o homem mais temido da Inglaterra. Depois, com a simples convicção de um quaker deísta, lançou o poder de sua palavra escrita contra a corrupção religiosa que sobrecarregava os povos da Europa e interferia no progresso social da humanidade.

Na *Era da Razão,* Paine enfatizou a necessidade de separar as esferas da Igreja e do Estado, analisando ambas as instituições em seu estado prático de corrupção, e não em seu estado ideal de integridade mútua. Ele tinha uma visão ampla da religião em geral, acreditando que todas as crenças eram naturalmente boas e necessárias para a segurança espiritual da humanidade. Essa amplitude estava fora de época e lhe rendeu muitos inimigos entre os que tinham convicções fanáticas. Era perigoso pregar a tolerância religiosa em sua época, quando o espírito de perseguição ainda era forte.

Quando o clero se envolveu nas conspirações políticas do Estado e desceu ao nível do interesse próprio, seu poder espiritual foi prostituído; e, disse Paine, eles perderam todo o direito ao respeito público.
Paine viu a conivência, as conspirações e as contraconspirações dos líderes religiosos que haviam se aliado à aristocracia contra os cidadãos explorados e sofredores. Com uma igreja como essa, ele não tinha paciência e tinha a eloquência e a coragem abundantes para expressar suas convicções, independentemente do custo.

Ele tinha a mesma antipatia pela aristocracia em geral. Para ele, as classes privilegiadas eram pouco melhores que parasitas, vivendo do trabalho de homens honestos em total indiferença ao bem público. Um governo composto por uma nobreza dissoluta e por profissionais bajuladores, sempre atendendo aos interesses de quem tem mais dinheiro, fez com que a justa indignação de Paine chegasse ao ponto de ebulição, indignação que ele podia aplicar em palavras compreensíveis para as massas. Seu raciocínio simples era que uma Igreja assim, somada a um Estado assim, era igual ao caos. Já era ruim o suficiente para o governo sobrecarregar o povo com extravagâncias, mas era ainda pior para a Igreja pregar que os homens deveriam aceitar essa carga como se viesse de Deus, para vê-la destinada a purificar suas almas pela prática da paciência e da humildade.

Para Paine, não era suficiente acreditar que todos os homens foram criados livres e iguais; esses homens livres tinham o direito inalienável de um governo representativo e o direito adicional de se aperfeiçoarem para desfrutar de todos os bens naturais.

Ele era mais perfeccionista do que era prático em sua própria época ou mesmo em nossa época. Como a maioria dos idealistas, ele não conseguiu aceitar a fraqueza da própria natureza humana que ele buscava tão desesperadamente defender. Somente milhares de anos de condicionamento e a reorganização completa do governo, da religião e da educação poderiam levar a humanidade ao estado que Paine imaginava. Ele chamou os homens para um destino elevado, e os homens entenderam em parte e aplicaram em parte, mas não tinham a capacidade de uma aceitação total e compreensiva.

Isso provavelmente explica o ataque amargo de Paine a George Washington. Paine estava presente quando o governo americano foi formado e deve ter sido pelo menos uma testemunha das brigas que ocorreram durante aqueles anos mais críticos. Como presidente, Washington não era universalmente popular; foi somente após considerável engenharia que sua eleição foi realizada. Quase imediatamente, o novo governo entrou em dificuldades políticas. Políticos egoístas entraram em cena logo no início, assim como nunca mais saíram de cena. Paine, vendo alguns dos ideais mais nobres do novo Estado serem pervertidos e mal interpretados, ousou falar quando a discrição segurava a língua de outros homens.

Na própria carreira pública de Paine, composta em grande parte por reveses, ele preferiu aceitar todas as formas de humilhação pessoal a modificar qualquer uma de suas atitudes. Ele nunca aceitou que a política que defendia seria impraticável em uma forma permanente de governo.

A experiência política leva o mais sábio dos homens públicos a perceber que as possibilidades do cargo público são limitadas e que as coisas boas devem ser realizadas lenta e oportunamente para que sobrevivam à inércia e à oposição do público. Mas, em princípio, Paine estava certo e deixou marcos imperecíveis.

Ele era um utópico, um sonhador com uma grande coragem de convicção. E quando o sonho da democracia mundial for finalmente realizado, o nome e a memória de Paine serão imortalizados, pois ele se destacou entre os grandes pioneiros do progresso humano.

A cruzada de Thomas Paine foi parte do destino secreto que ordenou que todas as pessoas fossem livres e iguais.

Muitas vezes sua carreira parecia ter sido encerrada por acidentes da má sorte, mas ele sempre foi preservado contra seus inimigos e até contra si mesmo. Ele foi um dos elos da corrente dourada que liga a Terra ao pináculo do alto Olimpo.

## 17 O DESCONHECIDO QUE INFLUENCIOU OS SIGNATÁRIOS DA DECLARAÇÃO DE INDEPENDÊNCIA

Diante da pena de morte por alta traição, homens corajosos debateram muito antes de pegar a pena para assinar o pergaminho que declarava a independência das colônias em relação à mãe-pátria. Durante muitas horas, eles debateram na State House, na Filadélfia, com as portas da câmara baixa trancadas e um guarda a postos - quando, de repente, uma voz soou da sacada. Uma explosão de eloquência para a frase principal, "Deus deu a América para ser livre!", terminou com os delegados correndo para assinar Os patriotas americanos depois se voltaram para expressar sua gratidão ao orador desconhecido. O orador não estava na sacada; ele não foi encontrado em lugar algum. Como ele entrou e saiu da sala trancada e vigiada não é conhecido. Ninguém sabe até hoje quem ele era.

Há alguns anos, enquanto visitava a colônia teosófica de Ojai, na Califórnia, A.P. Warrington, secretário esotérico da sociedade, conversou comigo sobre várias curiosidades históricas, o que o levou a examinar seu antigo e raro volume de discursos políticos americanos antigos, de uma data anterior àquela preservada nos primeiros volumes do *Congressional Record.*

Ele mencionou especialmente um discurso de um homem desconhecido na época da assinatura da Declaração de Independência. O livro em questão não estava disponível naquele momento, mas o Sr. Warrington se ofereceu para me enviar uma cópia do discurso, o que ele fez, mas infelizmente não anexou o título ou a data do livro. Posteriormente, ele foi para a Índia e morreu na sede teosófica em Adyar, em Madras.

Depois, em maio de 1938, o discurso apareceu no *The Theosophist,* órgão oficial da sociedade publicado em Adyar. É muito provável que o livro original esteja agora na biblioteca da Sociedade Teosófica. Não há razão para duvidar da exatidão e autenticidade da cópia do Sr. Warrington, mas estou fazendo todas as investigações possíveis para descobrir a fonte do discurso.

Em 4 de julho de 1776, na antiga State House, na Filadélfia, um grupo de homens patriotas se reuniu com o propósito solene de proclamar a liberdade das colônias americanas. A partir das cartas de Thomas Jefferson, preservadas na Biblioteca do Congresso, consegui reunir dados consideráveis sobre essa importante sessão.

Ao reconstruir a cena, é bom lembrar que, se a Guerra Revolucionária fracassasse, todos os homens que assinaram o pergaminho que estava sobre a mesa estariam sujeitos à pena de morte por alta traição. Também deve ser lembrado que os delegados que representavam as várias colônias não estavam totalmente de acordo quanto às políticas que deveriam dominar a nova nação.

Houve vários discursos. Na sacada, cidadãos patriotas lotaram todo o espaço disponível e ouviram atentamente os discursos. Jefferson se expressou com grande vigor, e John Adams, de Boston, falou com grande força. O impressor da Filadélfia, Dr. Benjamin Franklin, calmo e tranquilo como sempre, expressou sua opinião com palavras bem escolhidas. Os delegados oscilavam entre a simpatia e a incerteza enquanto as longas horas do dia de verão se arrastavam, pois a vida é doce quando há o perigo de perdê-la. As portas inferiores foram trancadas e um guarda foi colocado para evitar interrupções.

De acordo com Jefferson, foi no final da tarde que os delegados reuniram coragem para chegar ao ponto de atrito. A conversa era sobre machados, andaimes e a forca, quando de repente uma voz forte e ousada soou

- "Gibbet! Eles podem esticar nossos pescoços em todos os gibbets da terra; podem transformar cada rocha em um cadafalso; cada árvore em uma forca; cada casa em uma sepultura, e ainda assim as palavras desse pergaminho nunca morrerão

! Eles podem derramar nosso sangue em mil andaimes e, ainda assim, de cada gota que tinge o machado, nascerá um novo campeão da liberdade! O rei britânico pode apagar as estrelas de Deus do céu, mas não pode apagar Suas palavras escritas naquele pergaminho. As obras de Deus podem perecer, mas Suas palavras jamais!

"As palavras desta declaração viverão no mundo muito depois de nossos ossos virarem pó. Para o mecânico em sua oficina, elas falarão de esperança; para o escravo nas minas, de liberdade; mas para os reis covardes, essas palavras falarão em tons de advertência que eles não poderão deixar de ouvir...

"Assinem esse pergaminho! Assine, se no próximo momento a corda da forca estiver em seu pescoço! Assine, se no próximo minuto este salão ressoar com o barulho de machados caindo! Assinem, por todas as suas esperanças na vida ou na morte, como homens, como maridos, como pais, irmãos, assinem seus nomes no pergaminho ou sejam amaldiçoados para sempre! Assinem, e não apenas

assinem, e não apenas por vocês mesmos, mas por todas as eras, pois esse pergaminho será o manual da liberdade, a bíblia dos direitos do homem para sempre.

"Não, não se assustem e nem sussurrem de surpresa! É a verdade, seus próprios corações testemunham isso: Deus o proclama.

Olhe para esse estranho grupo de exilados e párias, repentinamente transformado em um povo; um punhado de homens, fracos em armas, mas poderosos na fé divina; não, olhe para suas conquistas recentes, seu Bunker Hill, seu Lexington, e então me diga, se puder, que Deus não deu à América a liberdade!

"Não é dado ao nosso pobre intelecto humano subir aos céus e perfurar o Conselho do Todo-Poderoso. Mas parece-me que estou entre as terríveis nuvens que encobrem o brilho do trono de Jeová.

"Parece-me ver o Anjo registrador subir trêmulo até aquele trono e falar sua terrível mensagem.

Pai, o velho mundo está sendo batizado com sangue. Pai, olhe com um único olhar de Seus olhos eternos e contemple para sempre essa terrível visão: o homem pisoteado sob os pés do opressor, nações perdidas em sangue, assassinato e superstição, caminhando de mãos dadas sobre os túmulos das vítimas, e nenhuma voz de esperança para o homem!

"Ele está ali, o Anjo, tremendo com o registro da culpa humana. Mas, ouçam! A voz de Deus fala de dentro da terrível nuvem: 'Que haja luz novamente! Digam ao meu povo, aos pobres e oprimidos, que saiam do velho mundo, da opressão e do sangue, e construam Meu altar no novo".

"Enquanto vivo, meus amigos, acredito que essa seja Sua voz! Sim, se minha alma estivesse tremendo à beira da eternidade, se esta mão estivesse congelando na morte, se esta voz estivesse sufocando na última luta, eu ainda assim, com o último impulso dessa alma, com o último aceno dessa mão, com o último suspiro dessa voz, imploraria a vocês que se lembrassem desta verdade - Deus deu à América a liberdade!

"Sim, enquanto eu afundava nas sombras sombrias do túmulo, com meu último sussurro fraco, eu lhe imploraria que assinasse esse pergaminho para o bem daqueles milhões cuja respiração está agora silenciada em intensa expectativa, enquanto olham para você para ouvir as terríveis palavras: 'Você é livre'. "

O orador desconhecido caiu exausto em seu assento. Os delegados, levados por seu entusiasmo, correram para a frente. John Hancock mal teve tempo de escrever sua ousada assinatura antes que a pena fosse agarrada por outro. A assinatura estava feita.

Os delegados se viraram para expressar sua gratidão ao orador desconhecido por suas palavras eloquentes. Ele não estava lá.

Quem era esse homem estranho, que parecia falar com uma autoridade divina, cujas palavras solenes deram coragem aos que duvidavam e selaram o destino da nova nação?

Infelizmente, ninguém sabe.

Seu nome não está registrado; nenhum dos presentes o conhecia ou, se o conheciam, nenhum deles o reconheceu.

Não se sabe como ele entrou na sala trancada e vigiada, nem há qualquer registro da maneira como ele saiu.

Ninguém afirmou tê-lo visto antes, e não há nenhuma menção a ele após esse único episódio. Somente sua fala imperecível testemunha sua presença.

Há muitas implicações interessantes em suas palavras.

Ele fala dos "direitos do homem", embora o livro de Thomas Paine com esse nome só tenha sido publicado treze anos depois.

Ele menciona o olho que tudo vê de Deus, que mais tarde apareceria no verso do Grande Selo da nova nação.

Em suma, há muito a indicar que o orador desconhecido era um dos agentes da Ordem secreta, guardando e dirigindo o destino da América.

Há algum tempo, um editor oriental me sugeriu que um título interessante e importante para um livro seria "A história de homens desconhecidos". Esse editor era um grande leitor de história, e ele observou que quase todas as grandes causas são promovidas por pessoas misteriosas e obscuras que recebem pouco ou nenhum crédito pelo papel que desempenharam.

Escrever a história desses homens seria escrever a história da Ordem da Busca, a história dos filósofos desconhecidos. Alguns, como Francis Bacon, alcançaram altos cargos, mas a maioria dos desconhecidos trabalha obscuramente por meio de outros homens, que ganham o crédito e a fama.

Em um antigo livro de regras usado pelos irmãos das ordens secretas, há o seguinte: "Nossos irmãos devem usar as roupas e praticar os costumes das nações para as quais viajam, de modo que não sejam notados ou transmitam qualquer aparência diferente ou incomum. Sob nenhuma condição eles devem revelar sua

verdadeira identidade ou o trabalho que vieram realizar; mas realizarão todas as coisas secretamente e sem violar as leis ou os estatutos dos países em que trabalham".

Entre aqueles que não "revelaram sua verdadeira identidade" ou o trabalho que vieram realizar, um é o misterioso professor que inspirou o desenho de nossa bandeira e permanece desconhecido e sem nome. Da mesma forma, outro é o orador desconhecido cujas palavras removeram a indecisão sobre a assinatura da Declaração de Independência; não se sabe quem ele era, e o incidente foi preservado apenas em um livro antigo e raro, cuja existência é difícil de provar.

É razoavelmente concebível que, em segredo e anonimato, uma ajuda bem ordenada tenha sido dada à luta pela igualdade e justiça humanas, que tem sido o destino dos Estados Unidos desde o passado até o presente. É nosso dever e nosso privilégio contribuir com o que pudermos para esse plano universal. Ele continuará, servido pelas incógnitas, até que o império platônico seja estabelecido na Terra e as torres da nova Atlântida se ergam das ruínas de um mundo materialista e egoísta.

# 18 OS SÍMBOLOS DO GRANDE SELO DOS EUA

A águia americana é realmente uma Fênix? A seleção da fabulosa ave
dos antigos parece ter sido a intenção do criador do Grande Selo de nossa nação.
A Fênix é o símbolo do renascimento da sabedoria .............O desenho
no verso do Grande Selo está ainda mais definitivamente relacionado à Ordem da Busca.
A pirâmide e o olho que tudo vê representam a Casa Universal encimada pelo radiante
emblema do Grande Arquiteto do Universo ...............A combinação desses três símbolos é mais do que acaso ou coincidência.

No verso do Grande Selo de nossa nação há uma pirâmide inacabada
que representa a própria sociedade humana, imperfeita e incompleta.
Acima flutua o símbolo das ordens esotéricas
o triângulo radiante com seu olho que tudo vê. Seria essa a
Foi a sociedade do filósofo desconhecido que escalou a nova nação
com os emblemas antigos e eternos?

Quando chegou a hora de escolher um emblema apropriado para o grande selo dos Estados Unidos da América, vários projetos foram apresentados. Eles são descritos por Gaillard Hunt, em *The History of the Seal of the United States (A história do selo dos Estados Unidos),* publicado em Washington, D.C., em 1909. A maioria dos desenhos originalmente enviados tinha a ave Fênix em seu ninho de chamas como motivo central. Um dos desenhos que hoje conhecemos foi finalmente selecionado, e Benjamin Franklin foi convidado a dar sua opinião sobre a escolha.

Franklin deu sua aprovação imediata, observando ingenuamente que era muito apropriado escolher o peru selvagem como símbolo do novo país: O peru era uma ave de qualidade admirável, trabalhadora e industriosa, e de bom caráter moral, além de ser uma ave com uma forte preferência pela cor vermelha, na época pouco popular entre os colonos.

Quando foi explicado a Franklin que a ave no selo pretendia representar uma águia, ele ficou amargamente desapontado e insistiu que o desenho não parecia uma águia para ele e, além disso, uma águia era uma ave de rapina com poucas das qualidades respeitáveis do peru selvagem.

Foi dito que o designer havia desenhado uma Fênix. É claro que sua escolha teria sido apropriada.

Entre os antigos, uma ave fabulosa chamada Fênix é descrita por escritores como Clemente, Heródoto e Plínio; em tamanho e forma, ela se assemelhava à águia, mas com algumas diferenças. O corpo da Fênix é coberto por penas roxas brilhantes, e as plumas em sua cauda são alternadamente azuis e vermelhas. A cabeça

A cabeça da ave é de cor clara, e em seu pescoço há um círculo de plumagem dourada. Na parte de trás da cabeça, a Fênix tem uma crista de penas de cores brilhantes. Supunha-se que apenas uma dessas aves vivia de cada vez, com seu lar nas partes distantes da Arábia, em um ninho de incenso e mirra. Dizia-se que a Fênix vivia 500 anos e que, ao morrer, seu corpo se abria e surgia a nova e boa Fênix. Devido a esse simbolismo, a Fênix é geralmente considerada como representante da imortalidade e da ressurreição.

Todos os símbolos têm sua origem em algo tangível, e a Fênix é um sinal das ordens secretas do mundo antigo e do iniciado dessas ordens, pois era comum referir-se a alguém que havia sido aceito nos templos como um homem duas vezes nascido, ou re-bom. A sabedoria confere uma nova vida, e aqueles que se tornam sábios nascem novamente.

O símbolo da Fênix é importante de outra forma, como emblema, em quase todas as nações civilizadas, de realeza, poder, superioridade e imoralidade. A Fênix da China é idêntica em significado à Fênix do Egito; e a Fênix dos gregos é a mesma que o Pássaro do Trovão dos índios americanos.

No desenho anexo, a cabeça do pássaro, como aparecia no grande selo de 1782, é comparada com a forma atual. É imediatamente evidente que a ave no selo original não é uma águia, nem mesmo um peru selvagem, como Franklin esperava, mas a Fênix, o antigo símbolo da aspiração humana ao bem universal. O bico tem um formato diferente, o pescoço é muito mais longo e o pequeno tufo de cabelo na parte de trás da cabeça não deixa dúvidas quanto à intenção do artista.

Mas se esse desenho no anverso do selo está estampado com a assinatura da Ordem da Busca, o desenho no verso está ainda mais definitivamente relacionado aos antigos Mistérios.

Aqui está representada a grande pirâmide de Gizah, composta de 13 fileiras de alvenaria, com 72 pedras.
A pirâmide não tem uma pedra de cobertura e, acima de sua plataforma superior, flutua um triângulo contendo o Olho Que Tudo Vê, cercado por raios de luz.

Esse projeto não agradou ao professor Charles Eliot Norton, de Harvard; ele resumiu seu descontentamento nas seguintes palavras "O dispositivo adotado pelo Congresso é praticamente incapaz de ser tratado de forma eficaz; dificilmente (por mais artisticamente tratado pelo designer) pode parecer outra coisa senão um emblema sem graça de uma Fraternidade Maçônica." A citação é de 77ie *History of the Seal of the United States.*

Embora incapaz de receber tratamento artístico, o grande selo é suscetível de profunda interpretação. Os antigos egípcios acreditavam que a Pirâmide de Gizah era a tumba do deus Hermes, ou Thot, a personificação da Sabedoria Universal.

Nunca foi encontrado nenhum vestígio do topo da grande pirâmide. Uma plataforma plana de cerca de 30 pés quadrados não dá nenhuma indicação de que essa parte da estrutura tenha sido concluída de outra forma; e isso é apropriado, pois a pirâmide representa a própria sociedade humana, imperfeita e incompleta. Os ângulos e faces convergentes ascendentes da estrutura representam a aspiração comum da humanidade; acima flutua o símbolo das ordens esotéricas, o triângulo radiante com seu olho que tudo vê. O triângulo em si tem a forma da letra grega D, o Delta, a primeira letra do nome de Deus - a parte divina da natureza que completa as obras dos homens.

As 72 pedras são os 72 arranjos do Tetragrammaton, ou o nome de Deus com quatro letras em hebraico. Essas quatro letras podem ser combinadas em 72 combinações, resultando no que é chamado de Shemhamforesh, que representa, por sua vez, as leis, os poderes e as energias da natureza por meio dos quais a perfeição do homem é alcançada.

A pirâmide é, portanto, a casa universal, e acima de seu ápice inacabado está o emblema radiante do Grande Arquiteto do Universo.

Há uma lenda que diz que na Atlântida perdida havia uma grande universidade na qual se originou a maioria das artes e ciências da raça atual. A universidade tinha a forma de uma imensa pirâmide com muitas galerias e corredores, e no topo havia um observatório para o estudo das estrelas. Esse templo para as ciências na antiga Atlântida é retratado no selo da nova Atlântida. Foi a sociedade dos filósofos desconhecidos que escalou a nova nação com os emblemas eternos, para que todas as nações pudessem conhecer o propósito para o qual o novo país havia sido fundado?

O anverso do grande selo tem sido usado pelo Departamento de Estado desde 1782, mas o reverso não foi cortado naquela época porque era considerado um símbolo de uma sociedade secreta e não o dispositivo adequado para um Estado soberano. São muito raras as descobertas do uso desse símbolo em qualquer forma importante até os últimos anos. A maioria dos cidadãos americanos ficou sabendo pela primeira vez qual era o desenho no verso de seu selo quando ele apareceu na nota de dólar, série de 1935A.

Até onde se sabe, o uso do selo em 1935 foi provavelmente sem premeditação ou implicação especial. Mas é interessante que seu aparecimento tenha coincidido com grandes mudanças que afetaram a democracia em

democracia em todas as partes do mundo. Já em 1935, as longas sombras de uma tirania mundial haviam se estendido pela superfície do globo. A democracia estava no limiar de seu teste mais severo. Os direitos do homem, defendidos por Thomas Paine, estavam sendo atacados por egoísmo, ambição e tirania. Então, no meio comum de nossa moeda, apareceu o emblema eterno de nosso propósito.

A combinação da Fênix, da pirâmide e do olho que tudo vê é mais do que acaso ou coincidência. Não há nada nas lutas iniciais dos colonos que sugira tal seleção para fazendeiros, comerciantes e cavalheiros do campo. Há apenas uma origem possível para esses símbolos: as sociedades secretas que chegaram a este país 150 anos antes da Guerra Revolucionária. A maioria dos patriotas que conquistaram a independência americana pertencia a essas sociedades e sua inspiração, coragem e propósito elevado provinham dos ensinamentos antigos. Não há dúvida de que o grande selo foi diretamente inspirado por essas ordens da Busca humana e que ele estabelece o propósito desta nação conforme esse propósito era visto e conhecido pelos Pais Fundadores.

O monograma da nova Atlântida revela que este continente foi separado para a realização da grande obra - aqui deve surgir a pirâmide da aspiração humana, a escola das ciências secretas. Sobre essa nação governa o rei supremo, o Deus Sempre Vivo. Essa nação é dedicada ao cumprimento da Vontade Divina. Na medida em que os homens perceberem isso e dedicarem a si mesmos e suas obras a esse propósito, sua terra florescerá. Afastar-se do símbolo desse destino elevado é ser falso com relação à grande confiança dada como herança inestimável.

## 19 O SONHO PROFÉTICO DO GENERAL MC CLELLAN

Em um momento sombrio de apreensão militar, o general das forças da União foi visitado por uma visão em um sonho. Uma voz falou e um mapa ganhou vida com os movimentos das tropas enquanto as forças inimigas se moviam para as posições que ele pretendia ocupar. A voz lhe disse que ele havia sido traído; ele ergueu os olhos e olhou para o rosto de George Washington... Quando McClellan acordou, seu mapa estava coberto de marcas e sinais e figuras, indicando a estratégia que impediu a captura do Capitólio da nação. ... O sonho também incluía a advertência do Pai de Nosso País de que ainda travaríamos outra luta pela existência "antes que se passe outro século" contra os "opressores de toda a Terra".

A visão de Constantino mudou o curso do Império Romano. As visões de Joana D'Arc preservaram a França em um momento de necessidade mais sombria. E a visão que o general McClellan teve foi uma força poderosa para preservar a união do povo americano.

A história do sonho do general McClellan, preservada nas palavras do próprio general, parece ter sido publicada pela primeira vez no *Evening Courier* de Portland (Maine), em 8 de março de 1862. Se a história não fosse verdadeira, é quase certo que o próprio McClellan teria feito alguma declaração de desaprovação ou exigido uma retratação.

A carreira do general McClellan como soldado não foi excepcionalmente brilhante; ele era um bom organizador, mas fez muitos inimigos por causa de certas fixações de temperamento; mas não há dúvida de sua sinceridade e dedicação à causa da União. No interesse da brevidade, apresentaremos aqui um resumo de partes da história do sonho, com as próprias palavras do general preservadas nas passagens mais significativas.

Às duas horas da terceira noite após a chegada do General McClellan a Washington, D.C., para assumir o comando do Exército dos Estados Unidos, ele estava trabalhando em seus mapas e estudando os relatórios dos batedores. Teve uma sensação de cansaço intenso e, apoiando a testa no braço dobrado, adormeceu em sua mesa. Ele não estava dormindo há mais de dez minutos quando pareceu que a porta trancada de seu quarto foi aberta de repente, e alguém se aproximou dele e falou com uma voz terrível de poder: "General McClellan, o senhor dorme em seu posto? Desperte-o ou, antes que isso possa ser evitado, o inimigo estará em Washington".

O general então descreve com alguns detalhes sua estranha sensação. Naquele momento, ele parecia estar suspenso no centro do espaço infinito, e a voz vinha de uma distância oca ao seu redor. Ele se levantou, mas nunca foi capaz de decidir se estava realmente acordado. A mesa coberta de mapas ainda estava diante dele, mas os móveis, as paredes da sala e outros objetos familiares não eram mais visíveis. Em vez disso, ele estava olhando para um mapa vivo que incluía toda a área do país, desde o rio Mississippi até o oceano Atlântico.

McClellan tentou ver as características do ser que estava com ele, mas não conseguiu discernir nada além de um vapor com o contorno geral de um homem.

Ao olhar para o grande mapa, McClellan ficou surpreso ao ver os movimentos das várias tropas e regimentos, e um padrão completo das linhas do inimigo e da distribuição das forças. O general foi imediatamente tomado por uma grande euforia, pois sentiu que os movimentos nesse mapa extraordinário permitiriam que ele levasse a guerra a um fim rápido e vitorioso.

Então, sua alegria se transformou em grande apreensão, pois ele viu as forças inimigas se deslocando para determinados pontos que ele mesmo pretendia ocupar nos próximos dias. Ele percebeu calmamente que, de alguma forma, seus planos eram conhecidos pelo inimigo.

Então, novamente a voz falou. "General McClellan, o senhor foi traído. E se Deus não tivesse desejado o contrário, antes que o sol de amanhã se pusesse, a bandeira confederada teria tremulado sobre o Capitólio e sobre seu próprio túmulo. Mas observe o que está vendo. Seu tempo é curto".

Com o lápis movendo-se com a velocidade do pensamento, McClellan transferiu as posições das tropas do mapa vivo para o mapa de papel em sua mesa. Quando isso foi feito, McClellan percebeu que a figura que estava perto dele havia aumentado em luz e glória até brilhar como o sol do meio-dia. Ao erguer os olhos, ele viu o rosto de George Washington.

O primeiro presidente, com sublime e gentil dignidade, olhou para o oficial desnorteado e falou o seguinte "General McClellan, quando ainda estava na carne, vi o nascimento da República Americana. Foi, de fato, uma luta difícil e sangrenta, mas a bênção de Deus estava sobre a nação e, portanto, durante essa que foi sua primeira grande luta pela existência, Ele a sustentou e, com Sua mão poderosa, a fez sair triunfante. Não se passou nem um século desde então e, ainda assim, a jovem República assumiu sua posição de par com nações cujas páginas da história se estendem por eras no passado. Desde aqueles dias sombrios, ela tem prosperado muito, graças ao favor de Deus. E agora, exatamente por causa dessa prosperidade, ela foi levada à sua segunda grande luta. Essa é, de longe, a provação mais perigosa que ela tem de suportar; passando da infância para a maturidade, ela é chamada a realizar esse grande resultado, a autoconquista; a aprender essa importante lição, o autocontrole, o autogoverno, que no futuro a colocará no centro do poder e da civilização...

"Mas sua missão não estará então concluída, pois antes que se *passe mais um século*, os opressores de toda a Terra, odiando e invejando sua exaltação, se unirão e levantarão as mãos contra ela. Mas, se ela ainda for considerada digna de sua elevada vocação, eles certamente serão desconcertados, e então terminará sua *terceira* e última grande luta pela existência. Daí em diante, a República seguirá em frente, aumentando em poder e bondade, até que suas fronteiras terminem apenas nos cantos mais remotos da Terra, e toda a Terra, sob sua sombra, se tornará uma República Universal. Que em sua prosperidade, no entanto, ela se lembre do Senhor, seu Deus, que sua confiança esteja sempre Nele, e ela nunca será confundida".

Quando o espírito visitante terminou de falar, ele ergueu a mão sobre a cabeça de McClellan em sinal de bênção e, no instante seguinte, um trovão ecoou pelo espaço. McClellan acordou com um sobressalto. Ele estava novamente em seu quarto, com seus mapas espalhados sobre a mesa à sua frente.

Mas havia uma diferença: os mapas estavam cobertos com as marcas, sinais e figuras que ele havia inscrito ali durante a visão.

McClellan andou pelo quarto para se convencer de que estava realmente acordado. Em seguida, voltou e olhou para os mapas. As marcas ainda estavam lá.

Convencido agora de que a experiência havia sido enviada pelos céus, McClellan selou seu cavalo e cavalgou de acampamento em acampamento, fazendo as mudanças necessárias em sua estratégia para enfrentar a ofensiva planejada pelo inimigo.

Suas ações foram bem-sucedidas e ele impediu a captura da cidade de Washington. Naquela época, o exército confederado estava tão próximo que Abraham Lincoln, sentado em seu escritório na Casa Branca, podia ouvir o estrondo da artilharia confederada.

O General McClellan conclui seu relato sobre a estranha visão que salvou a União com estas palavras: "Nosso amado e glorioso Washington voltará a descansar tranquila e docemente em seu túmulo, até que talvez se aproxime o fim do Século Profético que levará a República a uma terceira e última luta, quando ele poderá mais uma vez, deixando de lado os credos de Mount Vernon, tornar-se um Mensageiro de Socorro e Paz do Grande Governante, que tem todas as Nações da Terra sob sua guarda.

"Mas o futuro é vasto demais para nossa compreensão; somos filhos do presente. Quando a paz tiver novamente dobrado suas asas brilhantes e se estabelecido em nossa terra, o mapa estranho e sobrenatural marcado enquanto os olhos do Espírito de Washington olhavam para baixo será preservado entre os arquivos americanos, como um precioso lembrete para a nação americana do que, em sua segunda grande luta pela existência, eles devem a Deus e ao Espírito Glorificado de Washington. Em verdade, as obras de Deus estão acima do entendimento do homem!"

Não é difícil entender como um homem a quem foi concedida uma experiência tão estranha pode vir a perceber que um destino secreto está obscurecendo o país pelo qual ele lutou.

A importância profética contida na visão é agora evidente e, como o relato completo foi publicado em 1862, não há dúvida de que estamos diante de um exemplo genuíno de presciência. Já se passaram 80 anos desde que Washington apareceu ao general McClellan e, nesse século, os poderes da Terra se ergueram para destruir o conceito de democracia mundial. Os Estados Unidos estão na vanguarda das nações democráticas, buscando preservar sua herança das invasões dos poderes totalitários. Já é óbvio que, no período de reconstrução pós-guerra, os Estados Unidos devem se tornar um líder das nações no estabelecimento de uma comunidade de povos. O propósito para o qual fomos criados está se revelando por meio dos longos processos do tempo, e esse propósito é, de fato, nossa herança mais sagrada.

Está escrito nos livros antigos que, quando os irmãos da Busca desejam realizar mudanças no estado mortal, eles enviam mensageiros, sonhos estranhos e visões místicas e realizam seu propósito revelando sua vontade aos líderes das nações de diversas e curiosas maneiras. Quer queiramos acreditar que os espíritos dos mortos retornam para guiar os vivos, quer queiramos aceitar que o homem possui faculdades e poderes que, sob grande estresse, podem levar sua consciência um pouco mais perto da Verdade Universal, uma coisa é certa: o homem não pode ser um ser humano.

certa: Homens não acostumados com as formas espirituais de vida receberam visões e ouviram vozes e, ao obedecer a esses poderes misteriosos, contribuíram para o progresso e a segurança de seus semelhantes.

## 20 O FIM DA BUSCA

Nos Estados Unidos será erguido um santuário para a Verdade Universal, pois aqui
surge a Comunidade democrática global - a verdadeira riqueza de toda a
humanidade, que foi concebida com o fundamento de que os homens viverão juntos
em paz e dedicarão
suas energias à causa comum da descoberta .................O poder do homem está em seus sonhos,
suas visões e seus ideais. Essa tem sido a visão comum da necessidade do homem
no império secreto da Brotherhood of the Quest, consagrado
para cumprir o destino para o qual nós, nos Estados Unidos, fomos criados.

Religião, ciência e filosofia são as três partes do aprendizado essencial. Um governo baseado em uma ou até mesmo em duas dessas partes deve, no final, degenerar em uma tirania, seja de homens ou de opiniões. Essas três partes compreendem a unidade do conhecimento; elas são as ordens da Busca

A filosofia ensina que a conclusão da grande obra de regeneração social deve ser realizada não na sociedade, mas no próprio homem.

A comunidade democrática nunca pode ser legislada para existir. Tampouco pode resultar de tratados ou conferências formais. Isso é claramente indicado na tragédia da Liga das Nações. A Liga não conseguiu evitar a guerra porque as nações que a compunham não tinham a coragem da convicção elevada; elas falharam com a própria instituição que elas mesmas haviam estabelecido.

O progresso permanente resulta da educação, e não da legislação. O verdadeiro propósito da educação é informar a mente sobre as verdades básicas relativas à conduta e às conseqüências da conduta. A educação não é meramente a preparação do indivíduo para os problemas de sobrevivência econômica. Essa é apenas a menor parte do aprendizado.

A maior parte trata dos aspectos intangíveis da motivação correta e do uso correto. Nenhum ser humano que seja levado a agir por meio de motivações erradas ou que faça mau uso dos privilégios de sua época pode ser considerado educado, independentemente da quantidade de educação formal que tenha recebido.

A mente humana se estabelece no conhecimento não apenas pela leitura de livros ou pelo estudo de artes e ciências, mas pelos exemplos dados pelos líderes e pelas experiências pessoais de vida. De acordo com o sistema baconiano, há três fontes de aprendizado. A primeira é a tradição, que pode ser obtida por meio de livros. A segunda é a observação, por meio da qual aprendemos com as ações uns dos outros. E a terceira é a experimentação, que é um estudo das causas e consequências provocadas pela conduta pessoal.

O propósito humano supremo é o aperfeiçoamento do homem. Isso deve vir em primeiro lugar e, quando esse objetivo for alcançado, todas as coisas boas virão inevitavelmente.

Somente homens esclarecidos podem sustentar uma liderança esclarecida; somente os sábios podem reconhecer e recompensar a sabedoria.

Em um estilo de vida democrático, a própria sobrevivência do Estado depende da cooperação inteligente de seu povo. Quando os homens fazem suas próprias leis, eles devem viver de acordo com os méritos e deméritos dos estatutos que elaboraram.

O legislador grego, Sólon, declarou que no Estado ideal as leis são poucas e simples, porque foram derivadas de certezas. No Estado corrupto, as leis são muitas e confusas, porque foram derivadas de incertezas. Essas leis corruptas são como a teia de uma aranha que prende pequenos insetos, mas permite que as criaturas mais fortes as atravessem e escapem.

Onde há muitas leis, há muita ilegalidade, e os homens passam a desprezar e ridicularizar as restrições impostas à liberdade de ação. Leis corruptas, resultantes de esforços para emendar uma legislação inadequada com outra legislação inadequada, revelam uma ignorância geral do certo e do errado. Onde existe essa ignorância, a função ideal da democracia é impossível, e a liberdade se degenera em licenciosidade.

A meia-verdade é a forma mais perigosa de mentira, pois pode ser defendida em parte por uma lógica incontestável. Sempre que o conjunto de conhecimentos é fragmentado, os fragmentos se tornam verdades parciais. Vivemos em uma época de verdades parciais e, até que consertemos essa condição, teremos de sofrer as consequências inevitáveis da divisão.

De acordo com os antigos, a religião, a filosofia e a ciência são as três partes do aprendizado essencial. Nenhuma dessas partes é capaz, se separada das demais, de garantir a segurança do estado humano. Um governo baseado em uma ou até mesmo em duas dessas partes deve, em última instância, degenerar em uma tirania, seja de homens ou de opiniões.

A religião é a parte espiritual do aprendizado, a filosofia, a parte mental, e as ciências, incluindo as artes e ofícios, a parte física. Como o próprio homem tem uma natureza espiritual, mental e física, e todas essas naturezas se manifestam em sua vida diária, ele deve se tornar igualmente informado em todas as partes de sua natureza se quiser se autogovernar. "Forças desequilibradas perecem no vazio", declarou um profeta da antiguidade; e isso é verdade sem possibilidade de contestação.

A comunidade platônica tinha como seu verdadeiro alicerce a unidade do aprendizado. No meio do império filosófico está a escola da verdade tríplice. A religião é a busca da verdade por meio dos poderes místicos latentes na consciência do homem. A filosofia é a busca da verdade por meio da extensão dos poderes intelectuais em direção à substância da realidade. A ciência é a busca da verdade por meio do estudo da anatomia e da fisiologia do corpo da verdade, conforme revelado na criação material.

Essas três, portanto, são as ordens da Busca. Juntas, elas podem levar à perfeição do homem por meio da descoberta do Plano para o homem.

Um dos grandes segredos da antiguidade foi essa percepção da unidade do conhecimento e da identidade d a Busca em todos os ramos do aprendizado. Os grandes filósofos do passado foram realmente grandes porque abordaram o problema da vida como sacerdote-filósofo-cientista. O título "O Sábio" é aplicado adequadamente apenas àqueles em cuja consciência a unidade do conhecimento foi estabelecida como o padrão da Busca.

Fazia parte do antigo plano, que chegou até nós, construir novamente a universidade ideal - a faculdade do trabalho dos seis dias. Nela seriam ensinadas as mesmas artes e ciências que ensinamos hoje, mas a partir de uma premissa básica diferente. Aqui os homens aprenderiam que as ciências são tão sagradas quanto as teologias, e as filosofias são tão práticas quanto os ofícios e as profissões. Essas percepções extra-sensoriais místicas, vistas com desconfiança pelo materialista, seriam então desenvolvidas de acordo com as disciplinas das ciências, e todo o aprendizado seria consagrado ao objetivo supremo de que os homens se tornassem como os deuses, conhecendo o bem e o mal.

Essa universidade é o início do império democrático. Não seria mais uma escola secreta - a Casa dos Filósofos Desconhecidos. Ela emergiria das nuvens que a ocultaram dos profanos por milhares de anos e assumiria seu lugar de direito como o centro e a fonte do Bem Sempre Vivo.

Quando a humanidade ignora voluntariamente as leis universais que governam seu destino, a natureza tem maneiras tortuosas de fazer valer suas lições. Civilização após civilização foi construída pela coragem humana e destruída pela ignorância humana. Estamos novamente no limiar de uma grande decisão. Mais uma vez, as ações do tempo revelaram as fraquezas de nossa estrutura social. Mais uma vez chegamos a um dia de ajuste de contas.

No mundo pós-guerra, temos dois caminhos à nossa frente. Ou cometeremos os velhos erros novamente e tentaremos impor nossos próprios conceitos ao Universo, ou reuniremos nossas forças para um esforço heroico para corrigir as coisas.

Se cometermos os velhos erros, seremos recompensados pela velha dor. Mas, se fizermos um novo esforço, poderemos estabelecer bases imperecíveis e deixar como herança o início de um modo de vida melhor. De acordo com nossa escolha, os resultados serão inevitáveis, pois a natureza nunca mudará seus caminhos. Consideremos seus caminhos e sejamos sábios.

Séculos atrás, um dos mestres secretos da Busca escreveu: "O Bem Eterno revela sua vontade e prazer por meio do corpo da Natureza e dos movimentos da Lei Universal. Dentro do corpo da Natureza e da Lei há uma alma que deve ser descoberta por meio de grande reflexão. E dentro dessa alma da Natureza e da Lei há um espírito que deve ser buscado com grande compreensão; pois em verdade vos digo, meus irmãos, que é esse espírito, oculto aos profanos, mas revelado aos atenciosos, que dá vida".

Este, portanto, é o objetivo de nossos alicerces: que os homens permaneçam juntos em paz e dediquem suas energias à causa comum da descoberta.

O homem é superior ao animal, não pela força do corpo, nem pela astúcia, nem pelo poder de seus sentidos, nem mesmo pela habilidade e paciência; o homem é superior porque contém em si as faculdades e os poderes pelos quais pode perceber seu verdadeiro lugar em uma ordem divina de vida.

Seu poder está em seus sonhos, suas visões e seus ideais. Se esses elementos intangíveis não forem cultivados, o homem não passará, na melhor das hipóteses, de um tipo superior de animal, sujeito a todos os males e vicissitudes de uma criação não iluminada.

Mas, assim como o homem tem dentro de si, escondida do olhar público, essa parte mais divina, também é verdade que a sociedade humana tem dentro de si, escondida de nossa visão comum, uma parte mais nobre composta pelos idealistas e sonhadores de todas as épocas e de todas as raças que foram unidos por sua visão comum da necessidade do homem. Esse é o império secreto dos poetas, essa é a ordem dos Filósofos Desconhecidos, essa é a Irmandade da Busca.

E esses sonhadores nunca cessarão seu trabalho silencioso até que esse sonho seja aperfeiçoado em nossa vida diária. Eles estão decididos a que a Palavra que se fez carne se torne a Palavra feita Alma.

A grande Universidade do Trabalho dos Seis Dias deve ser construída aqui em nosso mundo ocidental, para se tornar um guia para as nações. Em torno desse santuário da Verdade Universal se erguerá a Comunidade democrática - a riqueza de toda a humanidade.

Esse é o destino para o qual fomos criados. O plano, que foi planejado em segredo há muito tempo e em lugares distantes, será cumprido abertamente... como a maior maravilha que surgiu fora do tempo.